



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FELIPE CABRAL CAVALCANTE

**O SÃO RAIMUNDO DOS ANOS 1930 NAS MEMÓRIAS DE ÁUREO NONATO:
ESPAÇOS, PERSONAGENS E COTIDIANO**

Manaus-AM
2018

FELIPE CABRAL CAVALCANTE

**O SÃO RAIMUNDO DOS ANOS 1930 NAS MEMÓRIAS DE ÁUREO NONATO:
ESPAÇOS, PERSONAGENS E COTIDIANO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Sinval Carlos Mello Gonçalves, Dr.

Manaus-AM
2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C376s Cavalcante, Felipe Cabral
O São Raimundo dos anos 1930 nas Memórias de Áureo Nonato
: Espaços, Personagens e Cotidiano / Felipe Cabral Cavalcante .
2018
94 f.: 31 cm.

Orientador: Síval Carlos Mello Gonçalves
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Memória. 2. Autobiografia. 3. Manaus. 4. São Raimundo. I.
Gonçalves, Síval Carlos Mello. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

FELIPE CABRAL CAVALCANTE

**O SÃO RAIMUNDO DOS ANOS 1930 NAS MEMÓRIAS DE ÁUREO NONATO:
ESPAÇOS, PERSONAGENS E COTIDIANO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

Defendida e aprovada em ____/____/____ pela banca examinadora constituída pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Sinval Carlos Mello Gonçalves, Dr.
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Orientador: Prof. Glauber Cícero Ferreira Biazio, Dr.
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Orientador: Prof. Otoni Moreira de Mesquita, Dr.
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Dedico esta dissertação ao meu pai, João Carlos Batista Cavalcante (*in memoriam*), por seu desejo e preocupação de ver o filho torna-se “mestre” até o momento de sua partida.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em História e a CAPES pela oportunidade e apoio para a realização dessa dissertação de mestrado.

Ao Prof. Aloysio Nogueira que durante a graduação me introduziu no estudo do campo teórico-metodológico da história e me sugeriu a busca por obras de assuntos referentes a nossa região para a realização de análises futuras, minha perpétua gratidão.

Ao Prof. Auxiliomar Ugarte por ter amadurecido a ideia de realizar um trabalho com “memórias” sobre a cidade de Manaus do século XX e me incentivou a realizar esse estudo em um futuro mestrado, meu perpétuo reconhecimento.

Ao Prof. Antônio Emilio Morga por gentilmente ter aceitado participar de minha banca de qualificação e ter realizado observações e sugestões que incorporei no trabalho final, muito obrigado.

Ao Prof. Glauber Biazo pela disciplina que tive a oportunidade de cursar durante o mestrado, pela participação em minha banca de qualificação com suas preciosas observações, e por aceitar participar de minha banca de defesa, agradeço o acompanhamento integral e imprescindível a realização de minha pesquisa.

Ao Prof. Otoni Mesquita pelas obras indicadas e que compõem a bibliografia do terceiro capítulo dessa dissertação e por aceitar participar de minha banca de defesa, agradeço a sua ajuda indispensável para a feitura dessa dissertação.

A Prof. Paula Edna que se dispôs a realizar a revisão ortográfica e gramatical deste trabalho e que me emprestou a dissertação de sua mãe que compõe a bibliografia dessa pesquisa, meu perpétuo carinho.

Ao Prof. Sinval Carlos, meu orientador, com quem aprendi os primeiros passos de análise de minha fonte histórica através de suas disciplinas que tive a oportunidade de cursar durante o mestrado, e quem ofereceu atenção e auxílio incondicional durante a feitura deste trabalho, minha perpétua admiração e meus agradecimentos mais profundos ao senhor.

Aos livreiros do centro da cidade de Manaus pelas obras adquiridas desde a época de adolescente que compõem grande parte da bibliografia desta dissertação, minha perpétua amizade.

A todos os meus amigos e familiares que me apoiaram e incentivaram a minha entrada no mestrado e a feitura dessa dissertação por saberem o quanto isso era importante para mim.

(...) a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva. Em primeiro lugar, a casa materna; tal como aparece nas biografias, é o centro geométrico do mundo e a cidade cresce a partir dela em todas as direções. Dela partem as ruas, as calçadas onde se desenrolou nossa vida, o bairro.

Ecléa Bosi

RESUMO

Estudo sobre as lembranças de Áureo Nonato a partir do qual se objetiva apresentar o São Raimundo dos anos 1930 presente nas recordações do autor. Analisaremos uma fonte que por natureza é uma “memória autobiográfica”. Em consequência disso, será realizada uma reflexão sobre o campo teórico-metodológico desta, para servir de guia de análise da fonte. Com o objetivo de demonstrar o cenário das lembranças de nosso memorialista, um panorama geral sobre Manaus e o São Raimundo - dos anos 1930 - será feito através de estudos especializados sobre o assunto. Objetivando apresentar de maneira mais detalhada as informações da fonte analisada, as lembranças do memorialista serão divididas em três: espaços, personagens e cotidiano do bairro do São Raimundo.

Palavras-chaves: Memória, Autobiografia, Manaus, São Raimundo.

ABSTRACT

Study about the memories of Áureo Nonato from which it is objectified to present the São Raimundo of the 1930s present in the author's recollections. We will analyze a source that by its nature is an "autobiographical memory". As a consequence, a reflection will be carried out on the theoretical-methodological field of this, to serve as a guide for analysis of the source. In order to demonstrate the scenario of our memoirist's memories, an overview of Manaus and São Raimundo - from the 1930s - will be made through specialized studies on the subject. Aiming to present in more detail the information of the analyzed source, the memories of the memorialist will be divided into three: spaces, characters and daily life of the São Raimundo neighborhood.

Keywords: Memory, Autobiography, Manaus, São Raimundo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA	12
1.1 A MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA HISTÓRIA	12
1.2 MEMÓRIA ESCRITA COMO FONTE HISTÓRICA	15
1.3 MECANISMOS DE ANÁLISE DE UMA MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA	18
1.3.1 Construção da Identidade do Autor	19
1.3.2 Potencialidades e Limites da Memória como Documento	22
1.3.3 A Seleção do Memorialista	25
CAPÍTULO II - O MEMORIALISTA E SUA OBRA	28
2.1 O LIVRO	28
2.2 O MEMORIALISTA	33
2.2.1 A Viagem	35
2.2.2 A Vida Familiar	40
2.2.3 Os Bucheiros	43
2.2.4 A Imaginação	45
CAPÍTULO III – O ESPAÇO DO MEMORIALISTA: A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA	48
3.1 A CIDADE DE MANAUS NA DÉCADA DE 1930	48
3.1.1 Panorama Socioeconômico de Manaus dos Anos 1930	49
3.1.2 Cenário Urbano: a Cidade de Manaus nos Anos 1930	52
3.1.2 O Bairro do São Raimundo	57
CAPÍTULO IV – AS LEMBRANÇAS DE ÁUREO NONATO	63
4.1 ESPAÇOS	63
4.1.1 Espaços Além do Bairro: o Centro da Cidade	66
4.1.2 Espaços Além da Cidade: o Interior do Amazonas	69
4.2. PERSONAGENS	71
4.3 COTIDIANO	80
4.3.1 Costumes	80
4.3.2 Brincadeiras Infantis	81
4.3.3 Festividades Populares	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
FONTES E BIBLIOGRAFIA	91
BIBLIOGRAFIA	91
ÁLBUNS	94
DOCUMENTOS	94
PÁGINAS ELETRÔNICAS	94

INTRODUÇÃO

- Acordar de manhã cedo, antes do sol nascer, para levar nas costas as tripas secas para a linguiça. Entre 5 e 6 horas da manhã, esse era o horário que a canoa saía do Matadouro do São Raimundo. Nela, eu e meus irmãos, levávamos as vísceras que papai iria dispor nas bancas de mármore branco para serem vendidas no Mercado.

A impaciência de seu Antonio Branquinho era visível – “Será que as vendas cobririam suas despesas do dia de hoje?” – O horário também lhe deixava aflito, pois a chegada da guarda da Saúde Pública, no aproximar das onze horas, antecederia o fechamento do Mercado.

Passado o horário de trabalho, e tendo se vendido o que fora possível, agora já é de tarde. - É período de cheia? Vamos apostar uma peleja até o outro lado do Igarapé do São Raymundo! Olha o jacaré logo acima da jangada!!! Nem esquento minha cabeça... Um “bucheiro” sabe que no meio do rio um jacaré que tentar atacar, irá se afogar.

- Hoje é dia de pelada? Então vamos assistir a um clássico do bairro: São Raimundo X Sul América. Quem sabe pode ser até que o Educandos venha nos visitar pra ver o que é bom pra tosse...

- Temporada de caça! Uma leva de tucanos está passando pelo São Raimundo. De porte de nossas melhores baladeiras e espingardas de brinquedo, temos de 3 a 4 dias para nos embrenhar nas matas circundantes ao bairro para abatê-los, porque depois disso eles vão embora. Os “velhotes” dizem que a carne de tucano faz mal... Mas nem por isso nossa festa será interrompida.

- É Natal? Ótimo! Em breve assistiremos a apresentação das “pastorinhas”. Quem interpretará o papel da Cigana Rica esse ano? E o da Nossa Senhora? Serei eu um dos Reis Magos dessa vez?

- Agora chegou o carnaval! Não posso ir ao baile do Rio Negro, do Ideal e nem do Nacional... Sorte que no meu bairro haverá um baile no Clube do São Raimundo! Na verdade nem nesse eu posso ir, não tenho idade... Mas depois da hora de dormir eu pulo o muro e penetro lá!

Objetivando valorizar as informações presentes em uma “memória escrita”, teve-se início os estudos que conduziram à feitura dessa dissertação. A intenção primeira era a de reconstruir a cidade de Manaus através das informações presentes nesse tipo de fonte, todavia, a caminhada nos levou ao recorte de um bairro específico da capital amazonense.

“Os Bucheiros: um Memorial de Infância” foi a obra escolhida como fonte de análise dessa dissertação. Escrita pelo memorialista Áureo Nonato na altura de seus 60 anos de idade, esta obra nos fornece ricas informações sobre o São Raimundo dos anos 1930.

O pequeno texto presente no início dessa introdução foi construída através das informações presentes nessa obra. Tendo o próprio Áureo como interlocutor, a narrativa nos evidencia alguns hábitos que os habitantes do São Raimundo possuíam na década de 1930 - sobretudo, as crianças.

Como já mencionado anteriormente, nossa fonte por natureza é uma “memória”, o que significa que ela necessita de uma crítica específica para a retirada de suas informações. Devido a isso, a dissertação terá uma disposição própria que objetivará auxiliar nisso.

No primeiro capítulo, *As Relações entre História e Memória*, será realizada uma reflexão sobre o campo teórico-metodológico da fonte com o objetivo de servir de guia para a análise da mesma.

Autores de referência no assunto foram consultados durante a elaboração do capítulo, destacando-se Jacques Le Goff, Alfredo Wagner, Pedro Nava, Maurice Halbwachs, Tomaz Tadeu da Silva, Ulpiano Bezerra de Meneses e Michael Pollak.

O segundo capítulo, *O Memorialista e sua Obra*, terá como objetivo primeiro apresentar a obra em análise para, em seguida, evidenciar o autor que a escreveu – o memorialista Áureo Nonato.

A importância deste capítulo para a dissertação está no fato de que o autor da obra em estudo é um memorialista. Por consequência, seu relato é disposto de informações autobiográficas, e nesse sentido, conhecê-lo torna mais compreensível as informações presentes em sua obra.

No terceiro capítulo, *O Espaço do Memorialista: a Perspectiva da História*, será realizado um panorama geral sobre a cidade de Manaus e o Bairro do São Raimundo nos anos 1930.

Para a tentativa de reconstrução da cidade de Manaus dos anos 1930, o *Guia Turístico e Comercial da Cidade de Manaus e seus Arredores*, organizado por Edezio

Freitas – fonte primária do próprio período –, será o principal referencial utilizado para isso.

Para a tentativa de reconstrução do bairro do São Raimundo dos anos 1930, na ausência de uma bibliografia histórica, obras de memorialistas serão utilizadas nessa reconstituição.

No quarto e último capítulo, *As Lembranças de Áureo Nonato*, serão extraídas e apresentadas as informações presentes na obra em análise nessa dissertação. Objetivando apresentar de maneira mais detalhada as lembranças de nosso memorialista, o capítulo será dividido em três sessões: os espaços, os personagens e o cotidiano do bairro do São Raimundo nos anos 1930.

Neste sentido, podemos dizer que esse estudo segue um roteiro de quatro partes. Primeiramente uma discussão teórico-metodológica; seguida da apresentação da fonte e do autor; logo após um estudo que objetiva auxiliar na crítica da fonte realizado através de bibliografia específica; finalizando com a análise da fonte propriamente dita da dissertação.

Por fim, é importante destacar que o objetivo principal deste trabalho não é mais o de reconstruir a cidade de Manaus ou um bairro específico através das informações contidas em uma “memória escrita”. O direcionamento da pesquisa nos levou ao desenvolvimento de um trabalho que buscou refletir sobre as possibilidades que um texto memorialístico pode oferecer para um historiador enquanto fonte para a produção do conhecimento histórico.

CAPÍTULO I – AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Este capítulo tem como objetivo inicial apresentar a natureza da fonte que está sendo analisada nessa dissertação – uma “memória autobiográfica” que possui como recorte espaço-temporal o Bairro do São Raimundo da década de 1930 – inserindo-a no campo de pesquisa da ciência da história.

Em seguida, serão elencadas algumas sugestões de procedimentos de diagnóstico para auxiliar no momento da observação e extração de informações de uma “memória escrita”. A importância deste capítulo para a dissertação está no fato de haver pouca reflexão sobre a “memória” enquanto “obra escrita”, portanto, tendo como base autores que trabalham a memória em sua dimensão teórico-metodológica, objetiva-se realizar uma reflexão sobre a mesma para que sirva de guia para a análise da fonte em análise nessa dissertação.

1.1 A MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA HISTÓRIA

A ideia geral que a sociedade contemporânea possui sobre a “memória” relaciona-se com os estudos realizados pelas ciências biológicas. Por esse motivo, em um trabalho de História que a utiliza como fonte, é importante que se tenha bem definido com “o que” se está trabalhando.

Apenas no final da década de 1970 os historiadores passam a dar mais atenção à temática da memória em seus trabalhos. O motivo dessa ausência está relacionado a uma falta de definição de o que essa fonte realmente era - algo que obstruía a compreensão das possibilidades de informações a serem extraídas dela.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas¹.

O trecho exposto anteriormente é um extrato de um ensaio sobre a Memória realizado pelo célebre historiador Jacques Le Goff no final da década de 1970². O seu estudo é iniciado por essa citação, pelo fato de que antes de falar sobre o conceito de

¹ LE GOFF, Jacques. Memória. In... *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. PP 419

² Observa-se que nesse texto o autor esquematiza uma genealogia do desenvolvimento da memória coletiva na sociedade europeia, objetivando assim tecer a origem da memória nas ciências humanas, sobretudo na história e na antropologia.

memória em sua própria ciência, o autor julgou necessário descrever a memória no campo científico global, para que através da ideia geral que a sociedade possui desse termo, ele pudesse expor o que era memória para um historiador.

Tendo como modelo o estudo de Jacques Le Goff, damos início a nossa definição de memória pelas ciências biológicas, e nesse campo: a memória é uma função do sistema nervoso. Juntamente com o cérebro, este sistema comanda a atividade mnemônica do ser humano. Adquirir, armazenar e evocar informações é o que se considera como memória para as ciências biológicas³.

A ciência da história vai além do conceito puramente psíquico e imaterial utilizado pela biologia. Sua definição nas ciências humanas também se relaciona a um aspecto físico que não está presente na definição das ciências biológicas.

Definições formais e dicionarizadas conceituam a memória como um registro físico deixado pela humanidade de maneira intencional ou até involuntária. O que em si já é algo além da definição das ciências biológicas que tem a memória apenas como uma habilidade própria da psique humana.

Tendo Jacques Le Goff novamente como aporte teórico, mas dessa vez recorrendo ao seu ensaio Documento/Monumento⁴, nos deparamos inicialmente com a definição do termo monumento:

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-reuropeia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa ‘fazer recordar’, de onde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. Quando Cícero fala dos *monumenta huius ordinis* (Philippicae, XIV, 41), designa os atos comemorativos, quer dizer, os decretos do senado. Mas, desde a Antiguidade romana, o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte⁵.

O ensaio Documento/Monumento também foi um texto escrito por Le Goff no final dos anos 70. Iniciando-o com uma rápida distinção entre memória coletiva e história, o

³ Conceito construído tendo como base: IZQUIERDO, Iván Antonio. Memória: tipos e mecanismos – achados recentes. In. *Revista USP*. São Paulo, N° 98, 2013. PP 9 – 16.

⁴ LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In. _____. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. PP 525-541.

⁵ *Ibid.*, p. 526.

historiador defini a história como a forma científica da memória coletiva⁶, para em seguida apresentar os materiais da memória coletiva e da história.

Ainda sobre a distinção entre memória coletiva e história feita por Jacques Le Goff, observa-se que a escolha por essa distinção se dá pelo estatuto de ciência que a história possui, pois apesar de ambas possuírem a característica de conservar informações sobre a vida dos homens durante o tempo, a memória coletiva não dispõe de nenhum método científico para selecionar e armazenar, portanto, essa rápida diferenciação evita qualquer confusão entre os dois conceitos.

Sobre os materiais da memória coletiva e da história apresentados por Le Goff, o historiador considera que eles podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador⁷.

Ao tratar de monumento, Le Goff relaciona-o com a memória entendendo que o mesmo configura-se como um veículo material de perpetuação intencional desta. Neste sentido, um monumento pode ser representado por uma edificação ou até mesmo um testemunho escrito em alguns casos.

Sobre o documento, Le Goff inicia sua apresentação através do conceito desenvolvido pela Escola Metódica, no século XIX, que o considera como sendo essencialmente um testemunho escrito; e que por ser disposto de objetividade, acaba entrando em conflito com a intencionalidade do monumento⁸.

Segundo a Escola Metódica, um historiador tem como fonte de trabalho o documento⁹. Devendo o mesmo ser escrito e “oficial” para que fosse considerado uma prova válida para o profissional da história.

Hoje, o documento ainda continua sendo a matéria-prima de trabalho de um especialista da ciência da história. Todavia, o que mudou foi o conceito que possuímos dele, que se alargou. Uma fonte para um profissional da história não é mais apenas um documento oficial e escrito. Documentos escritos dispostos de subjetividade também passaram a ser considerados fontes de análise para um historiador. Pois conforme o célebre Marc Bloch: “... o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça”¹⁰. E nesse sentido, todo monumento passou a

⁶ Ibid., p. 525.

⁷ Ibid., p. 526.

⁸ Ibid., p. 526-527.

⁹ Momento em que a história adquiri seu estatuto de ciência através da Escola Metódica.

¹⁰ BLOCH, M. *Apolkogia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 54.

ser documento, merecedor da atenção do historiador e de uma crítica própria para se extrair adequadamente suas informações conforme sua procedência.

No grupo das novas fontes que entraram no território de análise de um historiador, estão as memórias. E como já exposto anteriormente, uma memória é uma lembrança depositada na mente de uma pessoa, a qual pode ser expressa através de um discurso oral ou por meio de um relato escrito. Edificações também podem ser consideradas memórias, pois são rastros intencionais deixados pela humanidade de sua história. Todavia o que nos interessa nesse trabalho são as memórias escritas – sua definição – e as críticas que devem ser feitas ao se trabalhar com elas para extrair suas informações próprias.

1.2 MEMÓRIA ESCRITA COMO FONTE HISTÓRICA

As memórias, enquanto um gênero particular, podem ser entendidas como uma exposição sumária ou como um apontamento histórico ou uma dissertação científica ou literária sobre um acontecimento notável. Entretanto, transcendendo às definições formais e dicionarizadas vale remeter esta classificação dos textos para o sistema de relações sociais que os acolhe ao tempo em que foram produzidos¹¹.

O estudo da memória escrita é algo que deve ser feito em partes. A citação precedente, reflexão feita pelo antropólogo Alfredo Wagner, nos dá uma pista do que devemos levar em consideração quando estudamos esse tipo de gênero.

Em 1983, este antropólogo publicou pela primeira vez seu estudo sobre a História da Agricultura do Maranhão. Para essa obra, o autor elegeu as memórias escritas por pessoas de grupos sociais distintos, como uma de suas fontes de análise.

Com o objetivo de tornar mais didática a apresentação de suas fontes e até a própria crítica delas por ele mesmo, Alfredo Wagner observou alguns elementos e a partir deles classificou os autores das memórias em dois: patronos e clássicos.

O recorte temporal de quando publicaram suas obras¹² e a posição social que ocupavam na sociedade¹³ foram os principais elementos observados por Alfredo Wagner no momento de classificar seus autores, algo que o levou a obter a conclusão à respeito do sistema de relações sociais exposto na epígrafe.

Observe outro extrato das análises feitas por Alfredo Wagner de suas fontes:

¹¹ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *A Ideologia da Decadência: leitura Antropológica a uma História da Agricultura do Maranhão*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008. p. 32.

¹² Alfredo Wagner observou que seus memorialistas publicaram suas obras entre 1813 e 1822

¹³ Alguns dos autores eram patronos de cadeiras do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; outros autores ele observou que vieram a se tornar parte da história da literatura maranhense.

Em verdade, os textos de Gaioso, G. de Abranches, Xavier, Ribeiro e Pereira do Lago antes de manifestarem um mesmo tipo de produção intelectual, expressam uma interpretação colada às práticas efetivas de cada um de seus autores. Reproduzem visões que se pretendem representativas dos grupos sociais de seu pertencimento. Assim, os documentos de Gaioso, G. de Abranches e Xavier veiculam o ponto de vista das camadas de lavradores, ou seja, os sesmeiros e grandes proprietários de fazendas de algodão, notadamente do Vale do Itapecuru. Gaioso, ele próprio, é um grande proprietário na cidade de Rosário e se auto-define como lavrador. Produz um texto que adverte ter sido feito em “nome dos lavradores” (Gaioso, 1818; XXVI). Aclara que recebeu esta incumbência de relatar pormenorizadamente os motivos, que ocasionam a chamada decadência da lavoura, com o objetivo de entregar o documento ao chefe de governo¹⁴.

A observação sobre o lugar social que o memorialista ocupou na sociedade em que viveu é uma informação intrínseca do texto escrito por ele que não pode ser descartada pelo historiador. Esse tipo de informação explica ao historiador a escolha ou a omissão de determinadas informações pelo memorialista em seu texto, como veremos mais adiante nesse capítulo.

Uma memória não está presa às rigorosas normas científicas que um texto acadêmico deve possuir em sua escrita. Nesse sentido, seu estilo está mais próximo ao de uma obra literária, pois isso dá ao memorialista a oportunidade de dispor por escrito suas lembranças através de um discurso mais fluído e espontâneo. Observe o trecho:

Nesse terreno a sinceridade se impõe porque escrever memórias é um ajuste de contas do eu com o eu e é ilícito mentir a si mesmo. [...] Escrever memórias é animar e prolongar nosso alter ego. [...] deixar claro no leitor, a concepção do que considero memórias. Para quem quer escrevê-las sendo leal consigo mesmo - há que fazer tábua rasa das imposições familiares, dos vexações do interesse material, do constrangimento idiota da vida social. [...] É preciso continuar fiéis à nossa verdade mesmo quando ela aborrece e desagrada porque é assim que ela nos ajuda, paradoxalmente, a praticar ato de amor com os inimigos - fazendo a terapêutica cirúrgica de seu esquecimento. Extirpando-os. Amputando-os. Erradicando-os. [...] O que convém dizer é que lembrando estamos provocando o esquecimento. Depois de escrito, o que foi ressuscitado estará então definitivamente morto¹⁵.

A citação precedente é de autoria do grande memorialista mineiro Pedro Nava. Conhecido por ter disposto suas próprias lembranças por escrito em diversas obras, o autor também se ocupou em refletir sobre o próprio gênero memorialístico em si. Note que apesar da densidade que o texto possui, a elegância que o memorialista utiliza na escrita torna sua leitura mais leve e agradável, o que é uma característica comum em obras de

¹⁴ ALMEIDA, (2008) op. cit., PP 32-33.

¹⁵ NAVA, Pedro. “Beira-mar”. In. _____ . *Memórias IV*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. 3. ed. PP 198-199.

memória, a qual está relacionada com o prazer que um memorialista possui no momento de escrever sua obra.

Observa-se também que essa definição elaborada por Pedro Nava entra em um conflito inevitável com a de Alfredo Wagner. Verifiquemos o motivo pelo qual isso acontece.

Alfredo Wagner é um crítico da “memória”, enquanto fonte de pesquisa para as ciências sociais. Para ele, esta é uma fonte disposta de um alto grau de subjetividade – pois, conforme o mesmo, a receptividade da “memória escrita” é feita através do sistema de relações sociais que a acolhe no tempo em que fora produzida.

Pedro Nava é um memorialista propriamente dito. Para ele, esta é uma fonte disposta de um certo grau de objetividade – pois, conforme o mesmo, a escrita da memória é feita através do acerto de contas que seu autor faz consigo mesmo, e nesse sentido, a objetividade dessa fonte se encontra na “sinceridade” que o autor emprega em seu discurso no momento de dispor por escrito suas lembranças.

O que se defende nessa dissertação não é a contraposição entre as definições desses dois autores, mas sim a sua complementação – algo que será explorado mais adiante.

Agora observe o seguinte poema:

INFÂNCIA
 MEU PAI montava a cavalo, ia para o campo.
 Minha mãe ficava sentada cosendo.
 Meu irmão pequeno dormia.
 Eu sozinho menino entre mangueiras
 lia a história de Robinson Crusoe,
 comprida história que não acaba mais.
 No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
 a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
 chamava para o café.
 Café preto que nem a preta velha
 café gostoso
 café bom.
 Minha mãe ficava sentada cosendo
 olhando para mim:
 - Psiu... Não acorde o menino.
 Para o berço onde pousou um mosquito.
 E dava um suspiro... que fundo!
 Lá longe meu pai campeava
 no mato sem fim da fazenda.
 E eu não sabia que minha história
 era mais bonita que a de Robinson Crusoe¹⁶.

A poesia precedente é de autoria do grande poeta, contista e cronista brasileiro

¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Infância”. In. _____. *Alguma Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Carlos Drummond de Andrade. Dedicada a seu colega Abgar Renault, a poesia foi publicado em 1930, integrando parte da primeira obra poética do autor – “Alguma Poesia”.

O poema de Carlos Drummond de Andrade é uma reminiscência do autor de sua infância passada na pequena fazenda de sua família, em Itabira (Minas Gerais). Nele, o poeta registra o dia-a-dia de todos: o pai montado a cavalo indo para o campo; a mãe cosendo e reparando o sono de seu irmão menor; ele próprio, entre as mangueiras, lendo “Robinson Crusoé”¹⁷; além do delicioso café servido pela “preta velha” ao meio-dia.

Neste poema temos um exemplo de uma obra de memória, na qual o autor utiliza fatos reais de sua vida como matéria literária, e os molda em forma de poema. “Infância” de Carlos Drummond de Andrade é um exemplo de que a disposição de uma obra de memória não é obrigatoriamente a prosa, pois a característica principal de uma obra desse gênero literário é a de possuir reminiscências como parte do texto.

Como exposto, um escritor de memórias é aquele que ao recordar experiências passadas de sua vida, as dispõe por escrito em uma linguagem que se aproxima da literária. Algumas memórias podem ser escritas em terceira pessoa, quando o autor escolhe não se revelar no corpo da narrativa. Todavia, há memorialistas que ao rememorem o passado em que viveram, acabam narrando sua história em primeira pessoa, desdobrando-se em autor, narrador e personagem da narrativa - algo que atribui a sua obra de memória a propriedade de também poder ser classificada como uma autobiografia, uma particularidade que veremos a seguir.

1.3 MECANISMOS DE ANÁLISE DE UMA MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA

La autobiografía es una segunda lectura de la experiencia, y mas verdadera que la primera, puesto que es toma de consciencia: em la inmediatez de lo vivido, me envuelve generalmente el dinamismo de la situación, impidiéndome ver el todo. La memoria me concede perspectiva y me permite tomar em consideración las complejidades de la situación, en el tempo y em el espacio.¹⁸

O trecho precedente é de autoria do filósofo francês Georges Gusdorf, o qual realizou uma rica reflexão sobre a autobiografia em seu texto “Condiciones y limites de la autobiografia”.

Nesse autor observamos a autobiografia como uma segunda leitura da experiência vivida, feita através de uma tomada de consciência do memorialista do vivido. George

¹⁷ Romance inglês, originalmente publicado em 1719, de autoria de Daniel Defoe.

¹⁸ GUSDORF, Georges “Condiciones y limites de la autobiografia”. In ANTHROPOS, Madri, dez. de 1991, p.13.

Gusdorf conclui isso por considerar que em uma autobiografia seu autor não prioriza apenas a história de sua vida íntima, pois há a consciência de um “todo” que o mesmo apresenta em sua memória.

Tendo em vista esse “todo”, a seguir serão expostos exemplos de diagnósticos que podem ser realizados para se observar criticamente e extrair a informação contida em uma memória autobiográfica.

1.3.1 Construção da Identidade do Autor

O debate sobre a identidade no campo da ciência da história foi um tema que passou a ser discutido apenas no final do século XX. Todavia, seu conceito não é algo novo nas ciências humanas, já sendo bastante discutido e conceituado no campo da psicologia e no das ciências sociais.

Para a psicologia social, a identidade é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente¹⁹.

Conforme o trecho acima, a formação da identidade pessoal é um processo intimamente ligado aos fatores externos presentes no cotidiano de uma pessoa, pois o convívio que o indivíduo possui lhe permite interiorizar características e se identificar enquanto portador de uma determinada identidade e, por conseguinte, pertencente a um determinado grupo.

Esse conceito também se relaciona a ideia que o sociólogo francês Maurice Halbwachs possui sobre memória. Em sua obra clássica - *A Memória Coletiva* (1950) - o autor defende que a produção da memória individual é feita a partir de um primeiro e um último contato com a memória coletiva, pois para Halbwachs “a memória individual está atrelada ao convívio com os familiares, bem como a outros setores sociais, como à Igreja, à Escola, à profissão e ao enquadramento na pirâmide social”²⁰.

Seguindo nessa direção, também há o estudo do sociólogo Michael Pollak (1948-

¹⁹ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 1999, p.177.

²⁰ Interpretação realizada pela professora Maria Socorro Martins, presente em sua dissertação de mestrado MARTINS, Maria Socorro de Moraes. *Infância e Miguilim: os fios da memória e a câmara do olhar*. Dissertação (Mestrado Interinstitucional) – URCA/UFPB. João Pessoa, 2000. P. 43.

1992) que defende que o “Outro” é o elemento que escapa tanto ao indivíduo quanto ao grupo social de seu pertencimento no momento da formação da identidade.

Nas palavras de Michael Pollak:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros²¹.

Outro autor que também possui trabalhos sobre o conceito de identidade é o professor Tomaz Tadeu da Silva. Em seu texto *A produção social da Identidade e da Diferença* (2000)²², Tomaz também defende a necessidade de se ter uma “oposição” no momento de interiorização da identidade.

O texto de Tomaz é iniciado com uma definição de identidade ligada a significação dicionarizada que a palavra possui. A primeira definição que autor dá ao termo identidade refere-se àquilo que “se é”. Observe o trecho:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (‘aquilo que sou’), uma característica independente, um ‘fato’ autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente²³

Tendo como ponto de partida a ideia de identidade como uma entidade independente, o autor também apresenta a “diferença” com a mesma definição. Todavia, o desenvolvimento do texto demonstrará a relação mútua que identidade e diferença possuem entre si, pois para o autor, abraçar uma identidade implica na negação de outras mais (2000).

Após expor a interdependência que identidade e diferença possuem, Tomaz irá falar sobre o papel da linguística neste campo, tendo como exemplo o ato de nomear. O que se compreende como nomear é algo que significa ao mesmo tempo identificar e distinguir (“isso é um lápis”, “não é uma caneta”, “não é uma grafite”), todavia não é algo que mereça uma problematização tão profunda nessa dissertação.

Observe o trecho:

²¹ POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In. “Estudos Históricos”, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. P 204.

²² POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In. “Estudos Históricos”, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. p. 204.

²³ *Ibid.*, p. 73.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas.²⁴

O trecho é utilizado pelo autor para introduzir a discussão sobre o papel das relações de poder no momento da definição da identidade e da diferença, algo de grande importância para essa dissertação. Para Tomaz, “a diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas”²⁵ - e é onde ela existe que está presente o poder.

Como exemplos de processos que manifestam o que o autor nomeou como “diferenciação”, Tomaz elenca quatro: o ato de “incluir/excluir”, a “demarcação de fronteiras”, a “classificação”, e a “normalização”. Ambos conectados entre si, como veremos a seguir.

O primeiro processo de diferenciação consiste na distinção “de quem pertence e quem não pertence” – o que definirá o ato de incluir e excluir. Em seguida é feita a demarcação da fronteira, estabelecendo-se “quem somos nós e quem são eles”, que conforme Tomaz, é algo que consiste na afirmação e na reafirmação das relações de poder (2000), pois se trata de uma continuidade do ato de incluir/excluir.

Após “incluir/excluir” e “demarcar a fronteira”, Tomaz adverte sobre a vantagem que uma pessoa que fará a “classificação” possui. Pois a classificação é feita a partir do ponto de vista da identidade, e neste sentido, “classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados”²⁶. A própria “normalização” é um exemplo que o autor dá sobre isso. Observe o trecho:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade²⁷

O último item que merece nossa atenção no texto de Tomaz Tadeu da Silva é sobre

²⁴ Ibid., p. 80.

²⁵ Ibid., p. 80.

²⁶ Ibid., p. 81.

²⁷ Ibid., p. 82.

a discussão que ele faz sobre a fixação da identidade. Mantendo como alicerce de seu discurso a relação de poder que há no processo, o autor observa que a fixação de uma identidade é um processo dialético, pois há tanto forças que tendem a fixá-la, como forças que tendem a impedir sua fixação²⁸.

Dessa forma, faz-se necessário a criação de um alicerce para sustentar a fixação de uma identidade. Como exemplo de alicerce de uma identidade nacional, o autor referencia a língua e os “mitos fundadores” de uma nação.

Tendo como base os teóricos da memória outrora expostos, podemos concluir que um autor de memórias autobiográficas passa conscientemente e inconscientemente pelo filtro das relações de poder do processo de formação de identidade. Sua primeira aparição no corpo do texto já é o ponto de partida para a observação da construção de sua identidade. Primeiramente observamos a maneira como o autor se apresenta, para então observarmos o meio coletivo em que ele está inserido – as pessoas com quem convive, os lugares que frequenta, o mundo profissional – e o sentimento de pertencimento ou não a esse meio, pois isso que demarcará a identidade do memorialista. E nesse sentido, a identidade que um memorialista procura e acaba construindo em sua autobiografia é a que o sociólogo Michael Pollak descreveu como “identidade superficial”.

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para o outro. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros²⁹.

1.3.2 Potencialidades e Limites da Memória como Documento

A base para a discussão e desenvolvimento do assunto deste tópico será o texto “A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”, de autoria do professor Ulpiano de Bezerra T. Meneses.

Publicado em 1992 como um artigo da Revista do Instituto de Estudos Brasileiros - de São Paulo - o texto recupera a condição de fato social que a memória possui e que muitas vezes é esquecido por seus estudiosos, para a partir disso desenvolver questões sobre a sua reificação, suas raízes no presente e aspectos de sua fisiologia.

²⁸ Ibid., p. 83.

²⁹ POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In. “Estudos Históricos”, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 204.

A primeira definição que Ulpiano apresenta sobre memória busca dar “materialidade” a mesma, observe o trecho:

A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente (...) ³⁰

A materialização realizada por Ulpiano é justamente o que dá um caráter de fonte a memória, pois a sua retirada do campo do abstrato da psique humana, abre caminho para enxergá-la como um documento que necessita de uma crítica própria, para que seja retirada as suas informações de maneira apropriada.

A primeira advertência feita por Ulpiano ao se trabalhar com a memória é sobre a atenção que se deve ter no momento de analisar as recordações, pois diferente do que o senso comum considera, elas não estão acabadas esperando para serem resgatadas. Pelo contrário, elas estão em um processo contínuo de construção e reconstrução ³¹.

Neste sentido, um resgate de recordações se torna algo que necessita ser feito com cautela, seguindo alguns passos e observações. Dessa forma, primeiramente deve-se investigar a relação que a memória possui com o passado e o presente.

Observe o trecho a seguir:

A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar ³².

Uma das interpretações consagradas pelo senso comum sobre a memória é a de que ela tem como objeto o passado, mas na verdade não é apenas isso. Você recorre a memória de um ancião para saber de fatos do passado, todavia algo que é esquecido é o fato de que a memória que o ancião tem sobre o episódio foi gestada no momento presente em que ele vivenciou o acontecido. Nesse sentido, o objeto da memória é a mudança ³³, sendo que o que levou o ancião na época que era mais novo a guardar o acontecimento como lembrança foi o referencial que ele possuía do passado (1992), pois ele observou no momento

³⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.34, 1992. p. 10.

³¹ Ibid., p. 10.

³² Ibid., p. 11.

³³ Ibid., p. 14.

presente que estava havendo uma ruptura com a rotina que ele estava acostumado a ter e, por conseguinte, algo novo estava acontecendo naquele momento.

A parte seguinte do texto de Ulpiano é dedicada a apresentar - de forma sucinta - algumas categorias de classificação da memória. A essa seção, o autor destina três tipos: a memória individual, a memória coletiva e a memória nacional.

Sobre a memória individual, Ulpiano concorda com o sociólogo francês Maurice Halbwachs sobre a relação que esta possui com a memória coletiva, sendo que na qualidade de fonte para as ciências sociais, o autor faz a seguinte observação:

Para as ciências sociais interessa a memória individual somente nos quadros da interação social: é preciso que haja ao menos duas pessoas para que a rememoração se produza de forma socialmente apreensível.³⁴

Ao fenômeno que foi descrito na citação precedente, o autor dá o nome de “memória dividida”. E ainda sobre essa ocorrência, Ulpiano chama atenção ao papel ativo que um interlocutor possui no processo, pois a matéria bruta da memória individual pode permanecer oculta por anos, até que seja despertada por este³⁵.

Sobre a memória coletiva, o autor a define da seguinte maneira:

(...) é um sistema organizado de lembranças cujo suporte são grupos sociais espacial e temporalmente situados. Melhor que grupos, é preferível falar de redes de interrelações estruturadas, imbricadas em circuitos de comunicação. Essa memória assegura a coesão e a solidariedade do grupo e ganha relevância nos momentos de crise e pressão. Não é espontânea: para manter-se, precisa permanentemente ser reavivada. É, por isso, que é da ordem da vivência, do mito e não busca coerência, unificação. Várias memórias coletivas podem coexistir, relacionando-se de múltiplas formas³⁶.

O desenvolvimento que o autor faz sobre a memória nacional não é algo que interessa fortemente a essa dissertação. Todavia, algo que merece nossa atenção sobre ela é o fato de que a mesma não é uma somatória das diferentes memórias coletivas de uma nação, pois esta possui uma natureza ideológica, e sua utilização é feita com o objetivo de impor identidade³⁷.

Em seguida, o autor falará sobre a seletividade e o descarte que a memória realiza em meio ao processo de retenção e armazenamento da lembrança. No entanto, esse é um

³⁴ Ibid., p. 14.

³⁵ Ibid., p. 14.

³⁶ Ibid., p. 15.

³⁷ Ibid., p. 15.

tema particular que será alvo do tópico seguinte desse capítulo.

A relação que o texto do memorialista tem com o próprio presente é algo que merece uma atenção especial no momento de análise de uma memória autobiográfica. Por mais que o texto tenha informações sobre o passado, a memória do autor foi concebida no presente do ocorrido. Além disso, também há o fato de que o próprio texto foi escrito para um presente posterior ao do evento narrado e ao da gestação da memória.

(...) uma autobiografia nunca é estática, nem se desenvolve pela simples adição de elementos novos, na sequência do tempo, mas comporta contínuas reestruturações de eventos passados. E, ainda que se mantenham os núcleos fundamentais, os fios condutores, as contingências do presente se integram a todas as dimensões da narrativa (...)³⁸

1.3.3 A Seleção do Memorialista

A memória escrita é uma fonte que dispõe de pouca discussão teórica sobre si. Por esse motivo, será utilizada a reflexão feita pelo sociólogo austríaco Michael Pollak, no campo da história oral - o qual não deixa de trabalhar com o que se chama de memória, todavia em formato de discurso verbalizado pela sua fonte.

Em seu texto “Memória, Esquecimento, Silêncio”³⁹, Michael Pollak inicia apresentando a memória coletiva a partir dos postulados de Maurice Halbwachs e de Pierre Nora. Observe o trecho:

Em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Entre eles incluem-se evidentemente os monumentos, esses lugares da memória analisados por Pierre Nora, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias. Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais.⁴⁰

³⁸ Ibid., p. 11.

³⁹ No Brasil, a primeira publicação do texto ocorreu em 1989, tendo sido traduzido por Dora Rocha Flaksman.

⁴⁰ POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3.

O trecho acima trata principalmente sobre a relação entre a memória e a formação da identidade - algo que já fora tratado em um tópico anterior - mas além disso, o mesmo trecho também pode ser utilizado para discutir a seletividade natural que a memória possui, pois a própria escolha de elementos realizada por uma comunidade para formar sua identidade de grupo, por mais que em algumas situações seja inconsciente, caracteriza uma seleção.

Michael Pollak continua a discussão sobre a seletividade da memória em outro texto intitulado “Memória e Identidade Social”⁴¹. Nesse texto, primeiramente, o sociólogo nos chama a atenção ao fato de que a memória, por natureza, possui marcos invariáveis e imutáveis que acabam por constituir parte da própria essência de uma pessoa⁴².

Partindo disso, Pollak considera que os “acontecimentos vividos pessoalmente” e os “acontecimentos vividos por tabela” - ou seja, os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer - são os principais elementos constitutivos da memória, seja ela individual ou coletiva⁴³.

Seguido dos “acontecimentos”, “pessoas” – na qualidade de personagens – e “lugares” também fazem parte do grupo de elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva.

O fato de a memória ser composta por esses elementos, demonstra a natureza seletiva que ela possui, o próprio Pollak nos adverte ao fato de que “(...) Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado (...)”⁴⁴, e nesse sentido, o que se armazena são seleções.

As seleções feitas pela memória dizem respeito sobretudo a ocasião vivida por seu dono – “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”⁴⁵ - algo já tratado no tópico anterior.

As preocupações individuais e políticas de um indivíduo revelam a última característica sinalizada por Pollak sobre a memória – a de ser um fenômeno construído – pois durante o momento da seleção: “O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”⁴⁶.

⁴¹ Inicialmente proferido como o discurso de uma conferência realizada por ele, no Brasil, em 1989; foi transcrito e posteriormente traduzido por Dora Rocha Flaksman. Sua publicação na revista Estudos Históricos - do Rio de Janeiro - data de 1992, como homenagem póstuma ao sociólogo.

⁴² POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. P. 201.

⁴³ Ibid., p. 201.

⁴⁴ Ibid., p. 203.

⁴⁵ Ibid., p. 204.

⁴⁶ Ibid., p. 204.

No momento da escrita de sua “memória autobiográfica”, podemos dizer que um memorialista que irá dispor por escrito suas lembranças de infância seleciona as recordações relacionadas ao seu presente, pois a própria visão de mundo que ele adquiriu enquanto adulto, muda a visão dos acontecimentos que ele selecionou enquanto criança, em decorrência da reconstrução contínua que sua memória teve durante os anos.

Neste sentido, as definições de “memória escrita” de Alfredo Wagner e de Pedro Nava - apresentadas anteriormente - ao invés de se contrariarem, acabam por se complementar, pois por mais que a posição social tenha influência na seleção dos fatos escritos pelo memorialista, a “sinceridade” também irá se impor. O poema de Carlos Drummond de Andrade nos esclarece essa relação que há na memória narrada por um memorialista.

INTIMAÇÃO

- Você deve calar urgentemente
as lembranças bobocas de menino.
- Impossível. Eu conto o meu presente.
Com volúpia voltei a ser menino.⁴⁷

⁴⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Intimação”. In. _____. *Boitempo: Menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 20.

CAPÍTULO II - O MEMORIALISTA E SUA OBRA

Este capítulo tem como objetivo inicial apresentar a obra que está sendo analisada nessa dissertação - *Os bucheiros: um memorial de infância* - inserindo-a no contexto social e cultural em que ela foi produzida e publicada.

Em seguida, será apresentado o autor da obra. A importância de se fazer uma pequena biografia do autor está no fato de que a obra é uma *Memória*, nesse sentido, além do contexto em que ela foi escrita, é de grande importância o conhecimento do próprio autor, pois uma parte de seus sentimentos, alguns até profundos, encontram-se fortemente presentes na obra, sobretudo nas entrelinhas.

2.1 O LIVRO

O início do ano de 1981 foi marcado por uma perda para a Academia Brasileira de Letras. Falece no Rio de Janeiro, no dia 19 de fevereiro deste ano, Osvaldo Orico - terceiro ocupante da cadeira de número 10 desta instituição, a qual ocupava desde 9 de Abril de 1938.

Intelectual paraense nascido em Belém em 29/12/1900⁴⁸, Osvaldo Orico iniciou sua carreira no jornalismo logo em sua cidade natal, tendo se transferido para o Rio de Janeiro em 1919, onde deu continuidade à sua formação acadêmica graduando-se em Direito. Em sua trajetória profissional foi professor, jornalista, poeta, escritor e diplomata. Antes de seu falecimento, deixou um significativo número de obras escritas e ocupou alguns cargos de prestígio em instituições culturais e a serviço do Estado brasileiro⁴⁹.

Nessa conjuntura é criado pela família Orico, em 1982, o prêmio literário sobre temas amazônicos. Oferecido pela Academia Brasileira de Letras de 1982 a 1990, o prêmio recebeu o nome do falecido Osvaldo Orico⁵⁰.

⁴⁸ Na Grande Enciclopédia da Amazônia, publicada em 1968 e organizada por Carlos Rocque, consta 1901 como seu ano de nascença, todavia, outras fontes, como o próprio site da Academia Brasileira de Letras, informam ter sido 1900 o ano de seu nascimento.

⁴⁹ Observa-se que a publicação da produção intelectual de Osvaldo Orico iniciou na década de 1920 e continuou até sua morte, tendo publicado em vida diversas obras sobre tradições amazônicas. Além de ter começado a ocupar cargos na administração pública na década de 1930, tendo se eleito deputado federal pelo Pará em 1950.

⁵⁰ Conforme seu estatuto de 1987, a Academia Brasileira de Letras foi instituída tendo como fim a cultura da língua e da literatura nacional. Desde 1909, é comum a essa instituição conceder Prêmios Literários através de concursos periódicos objetivando estimular esse tipo de cultura. A partir de então, nota-se que alguns prêmios são criados e ficam em vigência apenas por algum tempo, um exemplo deles é o próprio Prêmio Osvaldo Orico, o qual teve ganhadores bastante conhecidos a nível nacional, como Leandro Tocantins pelo escrito "Olhos Inocentes", em 1984 e o poeta Thiago de Mello pelo escrito "Amazonas,

Observando esse contexto, o amazonense Áureo Nonato enxergou uma oportunidade. Homem culto nascido e criado em Manaus, mas já residente do Rio de Janeiro desde cedo, era um jornalista de ofício, poeta e compositor nas horas vagas. Já era conhecido no Rio de Janeiro por não negar sua identidade amazonense, tendo inclusive o célebre jornalista e teatrólogo Nelson Rodrigues publicado uma crônica, no ano de 1968, no jornal "O Globo", na qual o mencionava da seguinte maneira:

De vez em quando, dobro uma esquina e esbarro no Áureo Nonato. E não importa a minha pressa - paro. Trata-se do único amazonense que conheço na vida real. O único! (...)

(...)

Nos meus 55 anos de vida só encontrei, na vida real, um brasileiro que falasse do Amazonas: o Áureo Nonato. Sempre que me encontrava, vinha ele com a sua fixação estadual. Eu, então dizia-lhe "Áureo Nonato, você é o único patriota amazonense."⁵¹

No ano de seu sexagésimo aniversário, Áureo havia publicado um conjunto de crônicas no "Jornal do Commercio"⁵² sobre sua infância passada e vivida em sua cidade Natal. As publicações foram realizadas de 08/03/1981 a 24/06/1981, as quais o autor reuniu em formato de obra para concorrer, no ano seguinte, ao prêmio Osvaldo Orico. Consagrando-se vencedor, Áureo publicaria as crônicas no livro que recebeu o título de "Os Bucheiros: um Memorial de Infância".

Formado inicialmente por 19 crônicas dispostas na ordem de capítulos que se conectam conforme o encadeamento da narrativa, o livro retrata o cotidiano manauara no final da década de 1920 e início da década de 1930, tendo como espaço principal o bairro do São Raimundo, lugar onde o autor passou sua infância.

Algumas crônicas nos informam sobre a condição social dos habitantes de seu bairro, os quais eram em sua maioria de origem simples vindos do Nordeste na época do auge da economia gomífera, além da própria situação do lugar, o qual não possuía ligação direta com o centro de Manaus, o que era a causa da falta de desenvolvimento e consequente pobreza do bairro conforme a avaliação do próprio Áureo Nonato.

pátria da água", em 1989. A obra analisada nessa dissertação também ganhou esse prêmio, todavia o recebeu em 1982, e segundo o site da Academia Brasileira de Letras o mesmo ficou em vigência de 1983 a 1990. Por conta dessa informação, o ano do início de sua vigência fora alterado, pois acredita-se que a informação do site está incorreta.

⁵¹ NONATO, Áureo. Uma entrevista. In. _____. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2. ed. Manaus: Secom, 1986. p. 200.

⁵² Fundado em 1904, é o periódico mais antigo em circulação da cidade de Manaus. Especializado em temas da área da economia, política, negócios e serviços, atualmente seu consumo está mais restrito aos seus assinantes, em decorrência da baixa procura do público pelos assuntos nele tratados.

Se estendendo por áreas do centro de Manaus, a narrativa nos mostra o que o autor considerava como a própria cidade na década de 1930, pois ao falar dessa localidade o autor se refere a ela pelo termo "Cidade" no lugar de "centro". Observe o trecho da crônica "A ponte inacabada" sobre a vinda de agrimensores do governo ao bairro do São Raimundo com o objetivo de tirar as medidas preliminares para a construção dos alicerces da ponte que ligaria o bairro ao centro da cidade:

Depois soubemos que eram simples e inexperientes agrimensores, mandados pelo Governo, a fim de tomarem as medidas preliminares para a construção dos alicerces de uma sonhada e prometida ponte ligando o bairro à Cidade.⁵³

A narrativa também se desdobra pelo interior do Amazonas através da descrição de duas viagens fluviais que o autor fez quando criança, uma de lancha e outra de batelão⁵⁴, as quais trazem ricas informações sobre o conhecimento adquirido por Áureo através da observação dos práticos da terra⁵⁵ da região.

Além dessas questões, como o próprio subtítulo da obra já indica, as informações contidas nas crônicas acabam por formar uma narrativa autobiográfica da infância do próprio autor.

Desde a publicação das crônicas de maneira periódica no *Jornal do Commercio* e sua imediata reunião para concorrer ao prêmio Osvaldo Orico no Rio de Janeiro, "Os Bueiros: um Memorial de Infância" recebeu três edições, cada uma dela com particularidades próprias de acordo com a publicação.

A primeira edição da obra foi publicada em 1983 pelo Governo do Estado do Amazonas. Formada pelas crônicas que concorreram ao Prêmio de Temas Amazônicos, a primeira edição é iniciada pelos agradecimentos do autor, seguidos das apresentações dos leitores que tiveram acesso aos "originais" da obra⁵⁶. Em sua maioria intelectuais do Rio de Janeiro, fazem uma exposição inicial do livro e de seu escritor, convidando o leitor a conhecer as memórias de infância do autor, além de parabenizarem Áureo pela publicação.

Além das apresentações no começo da obra, nota-se a presença de epígrafes no

⁵³ NONATO, Áureo. (1986) op. cit., p. 47.

⁵⁴ Pequena embarcação de fundo chato, própria para operações próximas às margens ou em águas rasas.

⁵⁵ Habitante do interior que é contratado como guia em uma embarcação por conhecer profundamente as variações da rota fluvial.

⁵⁶ O próprio Antonio Carlos Villaça - reconhecido como um dos memorialistas mais importantes do Brasil - informa que Áureo deve publicar o quanto antes sua obra. José Livio Dantas também informa que leu as memórias infantis de Áureo no original datilografado. Além das outras apresentações serem datadas de 1982, um ano antes da publicação oficial.

início de algumas crônicas, responsáveis por indicar de maneira sucinta o que será lido no capítulo que se seguirá.

Ao final da primeira edição, é colocada uma entrevista cedida por Áureo Nonato ao Jornal do Commercio em 26/04/1981 - ocasião em que veio a Manaus para comemorar seu aniversário de sessenta anos.

Algo a mais que pode ser notado nesta tiragem, são os erros de revisão do texto. Todavia, apesar de terem passado despercebidos no momento da publicação da obra, é visível que os exemplares que chegaram nas mãos do autor foram corrigidos pelo seu próprio punho.

Em 1986, "Os Bucheiros: um Memorial de Infância" recebe uma segunda edição patrocinada novamente pelo Governo do Estado do Amazonas. Além dos agradecimentos do autor e das apresentações existentes na primeira impressão, o livro possui as apresentações próprias de sua tiragem.

Os intelectuais que fazem as recomendações desta edição são em sua maioria amazonenses, e agora intimam o leitor a prestar atenção ao papel do bairro do São Raimundo no desenvolvimento de Manaus.

No corpo textual da obra nota-se uma ampliação. Após a parte premiada pela Academia Brasileira de Letras são inseridas novas crônicas. Com isso, Áureo objetivou tapar lacunas que poderiam ter ficado em aberto, assim como esclarecer algumas curiosidades aos leitores, além de dar informações sobre novos episódios que aconteceram durante os anos que se passaram desde a publicação das crônicas iniciais no Jornal do Commercio⁵⁷.

Tendo como objetivo permitir que o leitor conheça com mais detalhes o cenário e os personagens presentes no universo da obra, a segunda edição também conta com um pequeno número de ilustrações.⁵⁸

Ao final desta são elencados os dados biográficos do autor com informações que vão desde o seu nascimento até o ano de 1986, complementando a entrevista presente na primeira publicação.

Ainda sobre a segunda edição, o escritor e pesquisador amazonense Mario

⁵⁷ A segunda edição traz a crônica "A Ponte de São Raymundo" que fala sobre o começo da edificação da tão sonhada ponte que ligaria o Bairro do São Raimundo ao centro, iniciada em 1986 (ano da crônica) e que terminaria em 1987.

⁵⁸ Observa-se que a primeira edição não dispunha de nenhuma ilustração, enquanto que na segunda constam 5: Uma foto do autor com 1 ano de idade; seguida de uma do Mercado Público; outra dos pais de Áureo; seguida de uma foto de sua crisma com 10 anos; além de um Croqui da Ponte de São Raimundo-Aparecida, cedido pela Secretaria de Obras e Transportes do Estado.

Ypiranga Monteiro fala em sua apresentação que a primeira publicação merecia uma revisão, mas não no sentido de corrigir lapsos de memória, e sim de corrigir falhas acontecidas no processo de composição e de revisão gráfica do livro⁵⁹. No entanto, algumas revisões passaram despercebidas no momento da publicação da obra, e mais uma vez o autor fez questão de corrigir à mão as obras que chegaram até ele.

O livro ganhou uma terceira edição em 1997, agora pela Editora Valer⁶⁰. Constitui uma tiragem menos encorpada que a segunda, apresentando alguns cortes em sua edição se comparada com a anterior.

A terceira impressão possui em sua "orelha" um texto de autoria de Mario Ypiranga Monteiro que lembra um pouco a apresentação feita por ele à segunda edição da obra. Com relação às apresentações das publicações anteriores, nota-se que são selecionados apenas algumas; e outras são removidas ou reduzidas.

O texto se mantém o mesmo da segunda edição, sem nenhuma ampliação. No entanto, as epígrafes que nas duas tiragens anteriores vinham em páginas próprias, foram incorporadas ao corpo do texto, vindo após o título de cada capítulo. Algo que muda um pouco a composição estética da publicação, pois é comum a uma epígrafe vir na abertura de um capítulo, sintetizando o que se vai ler em seguida.

Das 5 ilustrações presentes, apenas 4 foram mantidas na terceira⁶¹. Observa-se também um erro de revisão, pois as imagens não foram colocadas nos mesmos capítulos da edição anterior.

A terceira tiragem é encerrada com a relação de obras publicadas pelo autor até aquele momento, antecedida por seus dados biográficos atualizados até 1997. Também observa-se que a entrevista cedida ao *Jornal do Commercio* em 1981 fora retirada dessa edição.

Atualmente a terceira edição de "Os Bucheiros" já encontra-se esgotada há muito tempo. No entanto, observa-se que apesar dos cortes realizados nela, esta publicação trouxe a tão esperada revisão gráfica que apenas o próprio punho de Áureo Nonato conseguira fazer nas anteriores.

⁵⁹ MONTEIRO, Mario Ypiranga. Apresentação à segunda edição. In. NONATO, Áureo. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2. ed. Manaus: Secom, 1986, p. 29 – 30.

⁶⁰ Livraria de Manaus que posteriormente se tornou uma editora. Conhecida por seu apoio a autores locais e por relançar obras clássicas sobre diversos temas amazônicos a muito tempo esgotados. Fechou suas portas em 2015, mantendo, no entanto, a atividade editorial.

⁶¹ Não consta nessa edição o Croqui da Ponte de São Raimundo-Aparecida, cedido pela Secretaria de Obras e Transportes do Estado.

2.2 O MEMORIALISTA

O bairro de São Raimundo, onde ele nasceu e viveu a infância, ganha realce nos relatos do memorialista. E nem podia deixar de ser: o bairro foi o mundo em que ele abriu os olhos para a vida, pela primeira vez, ali começou a formar sua personalidade de escritor; sonhou os seus melhores sonhos; alimentou o espírito das mais caras fantasias.⁶²

A epígrafe precedente é um parágrafo retirado da apresentação à segunda edição da obra "Os Bucheiros: um Memorial de Infância", feita pelo intelectual amazonense Arthur Engrácio. Suas breves palavras resumem a natureza da publicação - um livro formado por crônicas, que tem como espaço principal o bairro do São Raimundo, escritas através das memórias de infância do autor.

Amazonense originário de Manaus, Áureo Nonato foi criado no Bairro do São Raimundo desde seu nascimento em 01 de abril de 1921. Pertencente a uma família de origem nordestina que tinha como ofício a venda de vísceras no Mercado Municipal, foi neste ambiente que nosso memorialista cresceu⁶³.

Logo aos 17 anos alista-se voluntariamente no Exército Brasileiro e embarca no navio "Prudente de Moraes". A embarcação que rumava em direção ao Sul do Brasil, deixa-o no Rio de Janeiro, estado que Áureo transforma em sua segunda residência, construindo uma vida profissional nele e morando por quase 50 anos, chegando inclusive a receber o Título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro, em uma solenidade na própria Assembleia Legislativa do Estado no ano de 1987.

Ao se aposentar em 1988, Áureo volta a residir em sua "cidade natal", a qual nunca deixou de visitar periodicamente desde sua saída aos 17 anos. Viria a falecer em 23 de Março de 2004, no Instituto do Coração de Manaus, vítima de complicações pulmonares, aos 83 anos.

Talvez o fato de ter saído muito cedo de Manaus, tenha causado em Áureo um sentimento forte de nostalgia por sua cidade. A própria escrita e publicação de crônicas sobre sua infância em sua "terra natal", no ano de seu aniversário de sessenta anos, é um "sintoma" disso. Observe uma das epígrafes presentes em "Os Bucheiros: um Memorial de Infância":

⁶² ENGRÁCIO, Arthur. Apresentação à segunda edição. In. NONATO, Áureo. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2. ed. Manaus: Secom, 1986. p. 35.

⁶³ Acordar antes do Sol raiar e levar nas costas sacos de tripa seca e vísceras para vender com o pai e os irmãos em bancas de mármore branco no Mercado Público até as onze horas, ou antes dos guardas da Saúde Pública aparecem para fechar o Mercado.

Saudade cheia de graça,
 alegria em dor difusa,
 doença da minha raça,
 pranto que a guitarra lusa
 em seu exílio verteu...
 Ah! quem sentir-te não há-de
 se foi dentro da saudade
 que a minha pátria nasceu⁶⁴.

A epígrafe precedente é uma poesia de autoria de Menotti Del Picchia⁶⁵ intitulada "Saudade". Áureo a utiliza na página de abertura do capítulo "Seu número era 85", que é a crônica em que o autor apresenta a casa onde morou, no bairro em que foi criado.

A escolha de um texto com essas palavras para expor a casa em que nasceu e cresceu desperta no leitor a identificação com o sentimento geral de desterro que a poesia transmite.

Desde criança, Áureo tinha curiosidade de conhecer novos lugares. Por isso, saiu de Manaus cedo para morar no Rio de Janeiro. Todavia, além do sentimento de conhecer outros lugares, o afastamento de sua "cidade natal" antes de chegar a maior idade foi a válvula de escape que o autor encontrou para fugir da profissão de bucheiro que lhe estava sendo imposta pelo pai.

Acabando por se sentir desterrado, também escreve um memorial de sua infância objetivando se perceber enquanto pessoa e se fazer reconhecer, algo manifestado por Carlos Alberto Miranda em sua apresentação à primeira edição de *Os Bucheiros: um Memorial de Infância*: "Autêntico, não nega as origens, antes proclama- as já a partir do belo título deste seu memorial de infância..."⁶⁶

Como já mencionado anteriormente, as epígrafes presentes no memorial são responsáveis diretamente por apresentar o que será exposto no capítulo que se seguirá. Todavia, também há uma evidência oculta nelas, pois indiretamente demonstram as influências que o autor possui em sua formação intelectual. Observe a seguinte epígrafe presente na obra "Os Bucheiros: um Memorial de Infância":

O passado é consumido no
 presente e o presente é vivido

⁶⁴ PICCHIA, Menotti Del. Epígrafe. In. NONATO, Áureo. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2. ed. Manaus: Secom, 1986. p. 75.

⁶⁵ A título de curiosidade, Áureo Nonato conheceu Menotti Del Picchia e chegou a trabalhar com ele no Estado de São Paulo, em 1945, no jornal "A Noite", que o próprio Menotti dirigia.

⁶⁶ MIRANDA, Carlos Alberto. Apresentação à primeira edição. In. NONATO, Áureo. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2.ed. Manaus: Secom, 1986, p. 19.

somente porque traz consigo o futuro.⁶⁷

De autoria de James Joyce, a epígrafe precedente é um extrato de sua obra "Retrato do Artista Quando Jovem". Áureo a utilizou na página de abertura de seu memorial de infância.

Pertencente a literatura inglesa, "Retrato do Artista Quando Jovem" foi publicado pela primeira vez em 1916, sendo o primeiro romance de James Joyce. Obra de memória em que o autor narra experiências de sua infância e adolescência, terminando com os ritos responsáveis por sua passagem para a idade adulta, que incluíram deixar para trás a família, os amigos e sua terra natal para morar em outro local. Também observa-se que o autor opta pela utilização de um alter ego - Stephen Dedalus.

Referência intelectual para Áureo, as palavras de James Joyce demonstram a consciência que o próprio memorialista tinha de sua obra. Tendo como alicerce o presente que absorve o passado para que dessa maneira o futuro seja vivido.

Alguns anos após a escrita e até a publicação de uma segunda edição de "Os Bucheiros", Áureo escreve uma continuação de seu memorial de infância, todavia esse não será outro livro discorrendo sobre o Bairro do São Raimundo. A obra seguinte falará sobre o caminho seguido por ele durante a adolescência e as experiências que teria na busca de um ambiente que o satisfizesse durante a vida de jovem adulto.

2.2.1 A Viagem

Em 1938, ao encontrar no Porto das Catraias⁶⁸ uma página do Jornal do Commercio com uma nota convocando jovens para se alistar voluntariamente para servir ao Exército no Sul do país, nosso memorialista agarra a oportunidade inicial de sair do bairro do São Raimundo para conhecer e residir em outra localidade do Brasil. Observe o trecho que narra sua saída:

O navio grande, imenso, navegava célebre através das águas doces do rio Amazonas, desembocando nas águas salgadas do mar Atlântico.
O menino amazonense de São Raymundo sentia-se como que liberto...
... preso, no entanto, aos limites daquele grande navio descendo o rio ou em pleno oceano...

⁶⁷ JOYCE, James. Epígrafe. In. NONATO, Áureo. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2. ed. Manaus: Secom, 1986. p. 37

⁶⁸ Antigo porto do bairro do São Raymundo, onde antes de ser construída a ponte para ligar o bairro ao centro da cidade de Manaus, se realizava a travessia para o centro em uma embarcação conhecida como "catraia".

... limites que não eram nem o pai e muito menos o bairro e a cidade em que nascera⁶⁹.

Não tendo ainda completado 18 anos, precisaria da assinatura de seu pai na ficha de recrutamento militar para poder se alistar, algo que não conseguiria de forma convencional.

Objetivando que o primogênito se tornasse o herdeiro do comércio de vísceras da família, "seu" Antônio Branquinho nunca deixaria o filho sair da cidade. Todavia, aproveitando-se de uma situação inusitada, Áureo esquematiza um plano para conseguir a assinatura.

Acamado, em consequência de uma forte gripe, o pai não estaria para muita conversa. Também não sabia ler, mas desenhava de cor o nome; o que muito convinha ao seu plano⁷⁰.

Aproveitando da fragilidade em que o pai se encontrava, o mesmo leva o documento de alistamento a sua cama e informa a ele que este na verdade se tratava de uma declaração que lhe garantiria gratuidade para a continuação de seus estudos no Colégio Dom Bosco.

Sem fazer qualquer pergunta, "seu" Antônio Branquinho assina a autorização de alistamento militar, que por sua vez estava com a idade alterada, proporcionando-lhe a idade exigida para se alistar.

No entanto, outras duas desventuras ainda ocorreriam durante o trajeto. No momento de autenticar o documento no cartório, a assinatura do pai é considerada ilegível. Para contornar essa adversidade, Áureo retorna ao quartel e consegue outra ficha de alistamento, só que dessa vez ele mesmo assina imitando a assinatura do pai, e assim conseguiu no cartório a autenticação exigida na declaração.

Em seguida, após a entrega da declaração no quartel, necessitaria de aprovação no exame médico, mas sendo franzino, sem resistência física e medindo apenas 1 metro e 58 centímetros, seria certa sua reprovação.

Se eu não passar vou dizer aos seus pais que vi a senhora fazendo coisas-que-não-deve com o seu noivo⁷¹.

⁶⁹ NONATO, Áureo. *Porto das Catraias: um Memorial da Adolescência*. Manaus: SECOM, 1987. P. 45.

⁷⁰ *Ibid.*, p; 35.

⁷¹ *Ibid.*, p. 38

Tendo como conhecida a noiva de um oficial do quartel onde se alistou, pediu a ela, em tom de chantagem, que conseguisse a sua aprovação nos exames médicos. Ao fim, tendo sucesso no alistamento, embarcou no *navio grande* "Prudente de Moraes" rumo ao Sul.

O evento precedente, juntamente com outros acontecimentos de sua vida de jovem adulto, está disposto por escrito em seu memorial de adolescência, que recebeu título de *Porto das Catraias: um Memorial da Adolescência*.

Inicialmente, observa-se que nessa obra o autor escolheu utilizar um alter ego, Macário. Sendo que além da liberdade que um alter ego dá ao autor de uma obra de se revelar indiretamente aos seus leitores, observa-se que este nome não fora escolhido de maneira aleatória.

Primeiramente, como a própria obra *Porto das Catraias: um Memorial da Adolescência* informa, no dia do nascimento do protagonista, a folhinha do calendário anunciava que o santo do dia era São Macário. Um santo que tem entre os significados de seu nome, a palavra "livre"⁷² - algo que será explorado ainda nesse capítulo.

Em seguida, tem-se o personagem do livro de Álvares de Azevedo, uma peça de teatro que leva o mesmo nome de seu ator principal. Possuindo dois atos, a peça narra a viagem de um jovem estudante, Macário, dando ênfase as experiências boêmias que ele teve durante ela.

Porto das Catraias: um Memorial da Adolescência não é a continuação da história que Áureo escreve sobre o bairro do São Raimundo, mas sim da narrativa que está fazendo de si mesmo.

Essa obra narra suas experiências entre os anos de 1938 e 1944. Momento marcado em sua vida pela saída de sua "terra natal" e pelas novas pessoas e lugares que teve a oportunidade de conhecer e até residir.

Novas terras...
 ... paisagens
 ... lugares
 ... gentes
 ... iam se mostrando diante dos olhares ávidos e
 quentes daquele menino amazonense.⁷³

⁷² VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vida de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 165.

⁷³ NONATO, (1987) op. cit., p. 74.

Observa-se que Áureo realiza duas viagens de barco à região Sudeste do Brasil entre os anos que decorrem a narrativa da obra. Estas são descritas levando em conta as emoções do autor, percebidas pela manifestação de seus sentimentos mais pessoais durante a narrativa de suas experiências.

Naquela época, durante uma longa viagem, era comum a um navio parar em diferentes portos para se reabastecer. Ao narrar sua primeira viagem ao Sul, passando por Belém, Fortaleza e Recife, é feita a descrição das mesmas, juntamente com as aventuras boêmias e amorosas que teve em cada uma.

A experiência em Belém é descrita como a primeira vivência que teve de homem livre e dono de si⁷⁴. Bebeu, cantou e divertiu-se na rua Padre Eutíquio - parte mais movimentada da zona do meretrício da época, segundo o autor - além disso, a aventura amorosa que teve com uma prostituta paraense também é descrita de forma saudosa por ele.

Em Fortaleza, Áureo teve a oportunidade de conhecer um pouco do que o pai lhe descrevera sobre sua cidade Natal. E em Recife, teve a oportunidade de visitar o Mercado Público e fazer comparações com o de Manaus.

Além disso, há também a narração que o autor fez sobre a rotina de uma longa viagem de Navio. Nosso jovem memorialista acaba por enjoar das conversas que tinha com os colegas que se alistaram junto com ele⁷⁵. No entanto, no decorrer da viagem, acaba por fazer amizade com uma jovem professora de ensino-primário, filha do sargento-paioleiro que estava bordo, e, além de conseguir uma companhia para conversar, passou a ter acesso a primeira classe do navio.

O navio "Prudente de Moraes" tinha como destino o porto de Santos, em São Paulo, mas ao chegar no Sudeste acaba por desembarcar os recrutas no Rio Janeiro, para que servissem nesse Estado mesmo.

Áureo serve o exército no quartel de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, durante um ano, mas não se identifica com a carreira. A própria farda o incomodava⁷⁶, tendo optado por pedir sua "baixa" após ter cumprido o tempo obrigatório de serviço.

Ele não se identificou com a rotina do quartel, e a hierarquia militar foi algo que teve dificuldade de aceitar durante o período em que serviu. Fora detido por ter

⁷⁴ NONATO, (1987) op. cit., p. 49.

⁷⁵ Pois sempre ouvia as mesmas palavras: Não possuíam dinheiro e que tinham como sonho maior chegar ao quartel do II Exército, em São Paulo, e receber enfim um fardamento.

⁷⁶ Um dos motivos é porque ela era grande demais para seu corpo, o que fez com que ele a nomeasse de "farda jegue de soldado". O mesmo também não a reduziu por não ter dinheiro para isso.

desobedecido a ordem direta de um superior, recusando-se a remarcar sua folga e auxiliar - de última hora - na faxina da sala de comando do Batalhão

No período dessa sua primeira estadia no Rio de Janeiro, também procurou contatar famílias de conhecidos amazonenses que naquele momento estavam radicadas no Rio de Janeiro. Sem dificuldades, encontra a família Studart, que o acolhia em sua residência como um parente nos momentos de visita.

Ao observar que com o pedido de "baixa" Áureo acabou conseqüentemente ficando desempregado, Doutor Arthur Studart o aconselha a retornar para casa. Desse modo, em setembro de 1939, retorna para o São Raimundo.

Todavia, ao retornar para Manaus, não chega objetivando retomar sua antiga rotina. Para não trabalhar no comércio de miúdos da família, o mesmo arruma um emprego de balconista no comércio de aviamentos "A Borboleta", e outro de caixa na loja "As Pernambucanas".

A oportunidade de retorno ao Rio de Janeiro vem quando ele encontra na casa de amigos um Boletim da Casa do Estudante. Desejoso em retornar ao Rio de Janeiro, vai ao encontro do Governador do Estado, o Doutor Álvaro Maia, que atende seu pedido e lhe concede uma carta de apresentação à poetisa Ana Amélia, Presidente da Casa do Estudante, juntamente com uma passagem de barco para o Rio de Janeiro.

Áureo retorna ao Rio de Janeiro em 1940, e mesmo sendo algo que fez por vontade própria, os 4 anos que viria a passar não o deixaram contente. Sua falta de identificação com o emprego em uma fábrica de calçados, um salário que era incompatível às suas necessidades, colegas de trabalho de pouca instrução⁷⁷; conduziram-no à vida religiosa. Passou o ano de 1942 recolhido em um convento em Petrópolis, e os anos de 1943 e 1944 recolhido em um Seminário em Manhumirim, Minas Gerais.

A afinidade que desenvolveu com a vida religiosa deve-se às amizades que fez em suas idas à Missa no Convento de Santo Antônio, as quais lhe trouxeram uma rotina intelectual que não havia encontrado em outros ambientes. O próprio Frei com quem fez amizade, João José, o aconselha a se recolher em um convento para melhor se dedicar à vida religiosa. Todavia, por mais que no começo estivesse satisfeito, o convívio religioso acaba por se desgastar. O que o leva a abandonar o seminário e retornar ao Rio de Janeiro.

De volta ao Rio de Janeiro, logo muda-se para São Paulo, ambiente onde alcança a

⁷⁷ Além da carta de apresentação não ter vingado como ele planejou, pois, o auxílio da Casa do Estudante destinava-se apenas a universitários.

satisfação pessoal tão almejada. Finalmente consegue um emprego com boa remuneração e com colegas de trabalho com os quais se identifica intelectualmente. Além disso, fora do ambiente de trabalho, também se insere na roda boêmia dos jornalistas de São Paulo. Encerrando dessa maneira seu memorial de adolescência.

2.2.2 A Vida Familiar

Um homem simples e bom. E um romântico. Assim era 'seu' Antonio Branquinho, o 'bucheiro pai de Áureo Nonato. Assim é Áureo Nonato: um verdadeiro filho de seu pai, do que, aliás, tem muito e justificado orgulho. Romântico, sim, o seu pai, mas muito machista também, o que tem relação não só com o analfabetismo dele, mas também com o meio acanhado em que vivia...⁷⁸

Pertencente a uma família de origem nordestina, nosso memorialista teve em sua criação a presença forte de seu pai. Seu Antônio Nonato dos Santos, apesar de não ter tido a oportunidade de adquirir a formação escolar adequada, dispunha de uma forte erudição para assuntos relativos à vida prática, repassando a seus filhos em forma de conselhos e lições, muitas das quais o próprio Áureo reconheceu como úteis "por onde quer que andemos".⁷⁹ Observe um exemplo do que o autor chama de "brincadeiras- lições" com as quais o pai o "presenteava":

E os banhos no igarapé do São Raimundo, na época das cheias?!
Papai e o Chico Branquinho, nos botavam - eu e Aurélio - para dentro da canoa e seguíamos para o meio do igarapé.
Era aí, nessa ocasião, que se dava uma das 'brincadeiras-lições' com que papai de vez em quando nos 'presenteava'.
Os dois, ele e o Chico, balançavam a canoa até emborcá-la.
O que tínhamos que fazer, e rápido, era sair de debaixo da canoa e, nadando, procurar encostar-nos a ela ou então nadar até a beira do igarapé, a uns 15 a 20 metros.
Com essa 'brincadeira' papai queria que aprendêssemos a nos salvar de algum acidente dentro d'água.
É certo que, desde pequenos, nós já havíamos aprendido a nadar.
Faltava-nos, contudo, a experiência necessária para uma ou outra eventualidade.
E era para essas eventualidades que o "seu" Antonio Branquinho nos preparava com todo o cuidado possível.⁸⁰

Filho primogênito do segundo casamento de seu pai, Áureo ainda tinha quatro irmãs e cinco irmãos. Dois irmãos são mais presentes em suas memórias, Chico Branquinho, o mais velho, filho do primeiro matrimônio, e Aurélio, o irmão que sempre

⁷⁸ MIRANDA, Carlos Alberto. Apresentação à primeira edição. In. NONATO, Áureo. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2. ed. Manaus: Secom, 1986. p. 19.

⁷⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 101.

⁸⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 122.

o acompanhava devido a pequena diferença de idade. Sua mãe era Virgília Nonato dos Santos, governanta da casa em que moravam.

Seu Antonio Branquinho também possuía irmãos nordestinos que moravam em Manaus, os quais não estavam excluídos do cotidiano da família. Observe o trecho:

Uma festa, sim!
 O Dia-de-Finados era sempre, para nós - eu, Aurélio, Alyde, Arlette e Aristíde - uma festa.
 Iamos cedo, mamãe e nós, os meninos, para a casa de meu tio Chico Velho, irmão de papai, que morava numa das ruas do Boulevard Amazonas, bem perto do Cemitério de São João Baptista, ou 'mocó', como também era conhecido.
 Papai chegava já perto do almoço, lá pelo meio-dia.
 A mesa grande era arrumada como se fosse para um almoço de aniversário⁸¹.

Conforme as informações dadas pelo próprio memorialista, a vinda inicial dos Nonato dos Santos para Manaus está relacionada a época do auge da economia gomífera. Dona de seringais no vale do Purus e no Acre, a tia de Áureo, Joaquina, veio de Fortaleza para o Amazonas com o marido e seus seis filhos, trazendo com ela seu irmão Antônio (pai de Áureo).

Todavia, essa fase de prosperidade econômica da família dura pouco, pois com o tempo sua tia Joaquina foi perdendo espaço para negociantes mais experientes, tendo vendido seus seringais por um preço muito baixo.

Além da Tia Joaquina, haviam mais dois tios que residiam em Manaus: Francisco Nonato dos Santos - "o Chico Velho" - e Manuel Nonato dos Santos⁸². As visitas realizadas por Áureo a eles possibilitaram uma mudança em seu cotidiano, seja através das diferentes comidas que ele tinha a oportunidade de experimentar, ou pelas diferentes histórias que ouvia.

A casa de Chico Velho era visitada sempre no dia dos finados. O quintal de seu tio era repleto de árvores frutíferas. Por esse motivo, antes do almoço, havia a oportunidade de se deliciar com diversas frutas como cajás, ingás, pitangas, marimaris, jambos, bacuris, sapotis... Além de ter sido no quintal de seu tio que Áureo presenciou o desabrochar de uma romã.

Nas visitas feitas a casa do tio Manuel Nonato dos Santos, havia o contato com a tia Otília. Maranhense, oferecia pratos de sua cidade natal a suas visitas, como vatapá – feito apenas com dendê, leite-de-coco e camarão – fritada-de-camarão, arroz-de-cuxá e

⁸¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 121.

⁸² Áureo não se sabe informar como eles chegaram na cidade.

carurú. Além disso, tia Otília possuía estórias engraçadas e casos incríveis como assuntos de suas conversas.

Retomando a presença do pai na formação de nosso jovem memorialista, percebemos que apesar da pouca instrução, foi ele o responsável pela sua inicial alfabetização. Observe o trecho:

Quando entrei para o Grupo Escolar Olavo Bilac, nos meados dos anos 20, já sabia ler e escrever.

Eu e Aurélio, meu irmão.

Papai nos fazia sentar, depois do jantar, no chão da grande sala de visitas, ao lado de sua rede bem baixa, e nos ensinava as letras da cartilha do ABC.

Com uma folha de papel, na qual era feito um furo ao centro, papai perguntava, saltando as letras, a cada um de nós:

- Que letra é esta?

Depois que já tínhamos aprendido o abecedário, ele continuava, usando o mesmo método, a nos mostrar as sílabas da Asa, do Bule, da Casa e da Uva, encimadas pelas figuras correspondentes, contidas no Primeiro Livro de Leitura, e assim por diante⁸³.

Além disso, após tê-lo alfabetizado, também foi responsável por inspirar-lhe o hábito da leitura.

Todas as noites, depois das verdadeiras sabatinas que nos impunha com as cartilhas do ABC, e de Aritmética e do Primeiro Livro de Leitura, ele 'nos obrigava' a ler o Jornal do Commercio à época contendo 4 páginas...

Numa noite eu lia a primeira e a segunda páginas; o Aurélio, a terceiro e a quarta. Na noite seguinte, ele fazia a troca.

Quando não sabíamos o significado de uma palavra, ele nos dizia, com um ar bonachão e um tanto severo, apontando o dicionário em cima de sua mesa de trabalho:

- Procure ai no 'pai-dos-burros'⁸⁴.

Observa-se que Antonio Nonato tinha também um objetivo extra com a leitura do Jornal do Commercio. Além de inculcar o prazer pela leitura em seus filhos, ele também tinha o interesse de se informar sobre os fatos que estavam expostos no jornal, pois era importante para um "bucheiro" estar bem informado sobre os últimos acontecimentos, para que ao atender clientes de nível social mais alto, possa ter assunto para dialogar com eles.

Por fim, algo que também necessita ser exposto sobre a família de Áureo, é que eles dispunham de um ofício em comum. Tanto seu pai como seus dois tios trabalhavam com venda de vísceras no Mercado Municipal, tendo os três a profissão de "bucheiro".

⁸³ NONATO, (1986) op. cit., p. 125.

⁸⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 125-126

Um caminho e uma carreira que o "seu Chico Branquinho" desejava e incentivava quase que como uma obrigação que os filhos seguissem.

2.2.3 Os Bucheiros

... menino de São Raymundo, nascido sob o signo do Matadouro ou Curro, de onde emanava a sobrevivência da família...⁸⁵

Devido à falta de historiografia referente ao assunto, essa seção foi redigida através de obras de memória sobre o tema, tendo como base os livros "São Raimundo dos Meus Amores", de Amaro Vieira de Alencar e "Do Alto da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento", de Ellza Souza.

Componente suplementar da história do Bairro do São Raimundo, o Matadouro Municipal figurava como parte integrante da vida social e econômica deste até a metade do século XX.

Inicialmente localizado em um antigo bairro que também recebia a denominação de "Matadouro" – atual Bairro da Gloria – o Matadouro Municipal foi incorporado ao cotidiano do Bairro do São Raimundo absorvendo, conforme o discurso do memorialistas Amaro Alencar, 40% da mão de obra operária presente neste.

"Bucheiro" era o nome dado a uma boa parte dos trabalhadores do Matadouro Municipal, por serem em sua grande maioria funcionários encarregados do tratamento das vísceras dos animais abatidos. Profissão seguida, em geral, pelos habitantes do bairro de baixa condição social - homens, mulheres e crianças realizavam o serviço quase sempre apenas em troca de comida.

Com o tempo, a palavra "bucheiro" passou a designar todos os habitantes do bairro do São Raimundo, não obrigatoriamente porque uma boa parte trabalhava no Matadouro Municipal, mas de uma "maneira pejorativa", por ser uma profissão associada à pessoas de uma condição social muito baixa que a seguem apenas para "não passar fome"⁸⁶.

Todavia, observa-se uma hierarquia entre os "bucheiros" do Matadouro Municipal. Dentro dela havia alguns de maior prestígio, como os que comercializavam diretamente os "miúdos" no Mercado Municipal, denominados por Amaro Alencar como "barões do bucho"⁸⁷.

⁸⁵ NONATO, (1987) op. cit., p. 10.

⁸⁶ Mais informações vide SOUZA, Ellza. *Do Alto da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

⁸⁷ ALENCAR, Amaro Vieira de. *São Raimundo dos Meus Amores*. Manaus: Sociedade de Televisão Ajuricaba, 1985. p. 143.

O comércio de vísceras era a profissão que "seu" Antonio Branquinho possuía. Sustentava a família sem deixá-la passar qualquer necessidade alimentícia, além de dar-lhe determinado prestígio social dentro do bairro, pois ele repartia diariamente com seus conhecidos a sobra dos miúdos que não haviam sido vendidos no dia. Sendo seu ofício, a maior herança que ele objetivara deixar a Áureo.

O pai mantinha-se no firme propósito de que Macário deveria ajudá-lo, como faziam os outros irmãos, a tratar das vísceras-de-boi no Matadouro e depois vendê-las no Mercado Público, e com o passar do tempo, tornar-se um próspero 'bucheiro' ou mesmo um endinheirado marchante-de-gado como o 'seu' Andorinha ou o 'velho' Marques, era, Macário, o primogênito, portanto, segundo os velhos cânones, o principal 'herdeiro' da banca do pai (seu único seguro de garantia!).⁸⁸

Apesar de um "barão do bucho" usufruir de grande prestígio dentro do Bairro do São Raymundo, tendo inclusive um grande número de afilhados. Fora do Bairro observa-se que, por mais que ele já fosse o próprio comerciante final do produto, sua imagem ainda era associada a de um serviço "depreciativo".

Ainda dentro da hierarquia dos "bucheiros", havia um superior ao comerciante de vísceras. "Seu" Antonio Branquinho, ao notar que não iria conseguir chegar a esse nível, objetivou preparar os filhos para atingirem a função tão desejada. Observe a memória de Áureo sobre isso:

... mas me parece que papai, consciente de sua impossibilidade de ser "marchante" de gado, como "seu" Marques ou o "seu" Andorinha, dos quais ele comprava os miúdos que tratava no "curri" e os vendia no Mercado Público, sempre com a nossa ajuda e de mais dois ou três empregados, tinha como propósito nos preparar para realizar o seu sonho impossível⁸⁹.

Com o objetivo de demonstrar a atividade de um "marchante" de gado - que usufruía de prestígio social além do bairro do São Raymundo - o pai de Áureo Nonato o indicou aos comandantes de duas lanchas, "Diana" e "Obidense". A viagem feita na lancha "Diana" foi algo exposto por ele da seguinte maneira:

Foi nessas lanchas que participei de duas viagens pelo Baixo Amazonas, vendo o trabalho de troca de mercadorias por produtos agrícolas, como castanhas, peles-de-balata, peles de onça e jacaré, cachos de banana e outros produtos, além da compra e embarque de gado para o abastecimento da cidade de Manaus⁹⁰.

⁸⁸ NONATO, (1987) op. cit., PP 41-42

⁸⁹ NONATO, (1986) op. cit. p. 97.

⁹⁰ NONATO, (1986) op. cit. p. 91.

Ao fim, apenas três filhos seguiram o ofício de "seu" Antonio Branquinho. Chico Branquinho, que morre como comerciante de vísceras do Mercado Municipal; Aurélio, que se aposenta como "bucheiro"⁹¹; e Aristides que, conforme nosso memorialista, em 1981 ainda permanecia trabalhando no ramo.

Áureo, como já exposto anteriormente, agarrou logo aos 17 anos a oportunidade que teve de residir em outra cidade. Seu medo de continuar em Manaus e, sobretudo, no Bairro do São Raimundo, lhe fizeram acreditar que caso não fosse embora, estaria destinado a seguir o ofício que enxergava com maus olhos desde criança. Uma profissão incompatível com os ideais que sua imaginação reivindicava.

2.2.4 A Imaginação

Do que eu gostava mesmo era de sonhar, de fazer longos passeios, de ver filmes de cinema, de aventuras, de ler livros, revistas e tudo o que me caía as mãos, até histórias-em-quadrinhos e as estórias de Trancoso, do Jeca-Tatú e do Zé-Macaco, além dos almanaques do Biotônico Fontoura, do Capivarol e aquele das pílulas-de-vida do Doutor Ross, e o da Bristol!⁹²

Desde a infância, Áureo sempre manifestou interesse pela atividade intelectual. Todavia, como já exposto anteriormente, o espaço imposto a ele por "seu" Antônio Branquinho não lhe proporcionava uma abertura direta para essa atividade, mas apesar disso, ainda conseguiu localizar brechas nesse meio para desenvolver por conta própria sua capacidade criativa.

O letramento que seu pai lhe ofereceu foi o caminho inicial. A partir disso, pôde adentrar no mundo da leitura. No próprio bairro, visitava a biblioteca particular de dois conhecidos, onde tinha acesso à obras fundamentais, como enciclopédias - dentre elas o "Tesouro da Juventude" - e clássicos da literatura universal de autores como Ágatha Christie, Conan Doyle e Dante Alighieri, assim como livros de viagem, biografias e de história, sendo esses últimos, os de maior interesse para ele.

Sua matrícula no colégio Dom Bosco, em 1934, lhe proporcionou a abertura de mais outro horizonte. Foi nessa escola que teve seu contato inicial com intelectuais já consagrados de Manaus - como João Nogueira da Mata - que foram seus professores.

⁹¹ A título de curiosidade, esses dois irmãos de Áureo se tornam bucheiros conhecidos no Bairro do São Raimundo, sendo inclusive referenciados por Amaro Alencar em sua obra *São Raimundo dos Meus Amores* (1985), obra de memória sobre o cotidiano do Bairro na década de 1940, são referenciados pelo autor como um dos "barões do bucho".

⁹² NONATO, (1986) op. cit., p. 97.

Assim como teve a oportunidade de conhecer ou ser colega de classe daqueles que ocupariam futuramente cargos públicos na cidade, como Plínio Coelho Ramos, ou também se tornariam intelectuais conhecidos, como Raymundo Nonato Pinheiro Filho.

Em um determinado momento, Áureo também relata que consegue tomar aulas de piano escondido de seu pai. Todavia, quando ele descobre, não perdoa o filho e o pune com uma surra, pois para "seu" Antonio Branquinho, essa não era uma habilidade digna para um homem.

Com isso, observa-se que a oportunidade de conhecimento que "seu" Antonio Branquinho propiciou a Áureo com o objetivo de transformá-lo em um futuro "marchante" de gado, acabou por oferecer "válvulas de escape" para que adquirisse autonomia e pudesse deixar o bairro e seguir a vida de adulto na região Sul do Brasil, conforme exposto anteriormente.

As andanças, a vida de Macário em São Paulo, àquela época, deram-lhe várias oportunidades para o desenvolvimento de seu espírito criativo, inquieto e realizador⁹³.

O trecho precedente pertence ao último capítulo do memorial de adolescência de Áureo e corresponde ao momento em que ele finalmente encontrou um ambiente que iria lhe proporcionar seu tão sonhado desenvolvimento intelectual.

Logo em seu memorial de infância, o autor já expressa o sentimento de "sufocamento" que seu bairro lhe causava, utilizando vez por outra a expressão "... será que eu vou morrer sem nunca ter saído daqui?" - repetindo-a mais de uma vez no decorrer do livro.

O ofício que seu pai lhe impunha o prendia à Manaus, e ao mesmo tempo, morar no São Raimundo, também lhe conduzia a seguir o ofício do pai. Por isso, Áureo percorre um longo caminho para fugir desse destino.

Todavia, observa-se que ao chegar em um ambiente que lhe oferecera a oportunidade de desenvolvimento intelectual - a angústia e a solidão acabam lhe envolvendo. O sentimento de desterro de sua "terra natal" brota, e Áureo acaba por "abraçar" suas lembranças de infância e adolescência para remediar essa situação. Motivo principal de ele ter escrito "Os Bucheiros: um Memorial de Infância", a obra em análise nessa dissertação.

⁹³ NONATO, (1987) op. cit., p. 147.

... lançado mar afora,
- cercado pela assustadora imensidão das
águas marinhas...
... sem mesmo se dar conta,
Macário foi sendo atraído pelas variegadas cores
verdes e suas transparências...⁹⁴

⁹⁴ NONATO, (1987) op. cit., p. 67.

CAPÍTULO III – O ESPAÇO DO MEMORIALISTA: A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA

A cidade é um complexo social integrado de residências, ruas, avenidas, praças⁹⁵.

Como já mencionado, a fonte de pesquisa utilizada nesse trabalho é a memória de infância de um habitante de um bairro periférico de Manaus. Neste sentido, a importância deste capítulo para a dissertação está no conhecimento do “cenário” em que se desdobram as lembranças de nosso memorialista.

Áureo Nonato terá como espaço principal de sua memória o bairro do São Raimundo. Outros ambientes, como o centro da cidade de Manaus, além de seus arredores e municípios próximos, também estão presentes em suas lembranças.

Observa-se que nosso memorialista, por ser filho de um “bucheiro”, dispunha de uma posição social característica na sociedade que lhe proporcionava acessar determinados espaços e ter contato com determinadas pessoas. Nesse sentido, o capítulo iniciará com uma reconstituição socioeconômica do período.

Para a realização do panorama geral da cidade de Manaus na década de 30, será utilizada uma bibliografia específica sobre o assunto. Objetivando reconstruir o cenário da cidade dessa década, questões como: a estrutura urbana da cidade (Onde ela começa e onde ela acaba?), os principais bairros e sua localização, a quantidade de habitantes e sua distribuição, e o cotidiano da população do período - serão levadas em consideração.

Em seguida tentaremos fazer a reconstrução de um bairro específico - o bairro do São Raimundo. Na ausência de uma bibliografia histórica, obras de memória serão utilizadas nessa reconstituição.

3.1 A CIDADE DE MANAUS NA DÉCADA DE 1930

Este tópico será iniciado com uma breve explanação sobre a conjuntura socioeconômica que Áureo Nonato vivenciou durante a década de 1930. Faz-se importante essa reconstituição para compreendermos a posição que a família Nonato dos Santos ocupava na sociedade e a relação que ela possuía com outros extratos sociais.

⁹⁵ ARAUJO, André Vidal de. *Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação*. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1974. P. 103.

Em seguida reconstruiremos o cenário urbano e arquitetônico da cidade de Manaus da década de 1930. E finalizaremos o capítulo, traçando o panorama urbano do Bairro do São Raimundo na mesma década.

3.1.1 Panorama Socioeconômico de Manaus dos Anos 1930

A 5 de setembro de 29 o Sr. Dorval Porto era eleito governador do Estado. Espírito ponderado, de maneiras mui polidas, empossou-se a 1º de janeiro de 30, porém não demorou muito no poder. A revolução de 3 de outubro de 30 não lhe permitiu continuar na curul governamental.⁹⁶

Dorval Porto foi eleito governador do Estado do Amazonas para o quadriênio que começaria no dia 1º de janeiro de 1930 e terminaria em 1º de janeiro de 1933. Todavia, sua administração não durou muito, tendo perdurado até a Revolução de 1930⁹⁷.

Substituído por uma Junta Governativa composta pelo Coronel Pedro Henrique Cordeiro Júnior e pelos Drs. José Alves de Souza Brasil e Francisco Pereira da Silva⁹⁸, Dorval Porto, apesar do curto período de governo, ainda chegou a escrever uma “Mensagem” à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas.

Datada de 14 de Julho de 1930, a “Mensagem” possui ricas informações sobre o primeiro semestre de seu governo. A partir dela, Dorval Porto fala sobre a conjuntura nacional em que assumiu o governo do Amazonas; referencia figuras públicas e seus cargos políticos; cede informações sobre a arquitetura urbana da cidade de Manaus (algo que será alvo do próximo tópico do capítulo), além de falar sobre a situação econômica do Estado. Observe o trecho a seguir:

Quase toda a atividade econômica do Amazonas gyra derredor de dois pólos: borracha, castanha.

Pelo volume e pelo valor, são dois productos por excellencia, não se lhes podendo comparar, sob esse duplo aspecto fundamental, nem o cacão, nem o guaraná, Nativos no meio amazonense, guaraná e cacão são, todavia, productos da lavoura. E’ o que não se dá com a borracha e a castanha. São nativos os seringas e castanhas em atividade (...)⁹⁹

⁹⁶ JOBIM, Anísio. O Amazonas: sua história (ensaio antropogeográfico e político). Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1957. p. 214.

⁹⁷ “Dorval Pôrto”. In. BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. p. 194.

⁹⁸ Ibid, p. 194.

⁹⁹ Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Amazonas pelo Presidente Dorval Pires Porto, ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 14ª Legislatura. Manaus: Imprensa Pública, 1930. p. 53.

O trecho precedente evidencia os quatro principais produtos da economia amazonense do período – borracha, castanha, cacau e guaraná. Nota-se com isso que, no Amazonas, os setores tradicionais da economia possuíam suas atividades ligadas ao comércio e ao extrativismo¹⁰⁰.

Nesse período - e é algo que a “Mensagem” também destaca - fica ainda mais evidente o colapso pelo qual o extrativismo gomífero estava passando. Principiado com a crise que se iniciou na década de 1910, quando a borracha amazônica começou a sofrer o impacto da concorrência das seringueiras asiáticas - que foram responsáveis por uma queda de preços do produto no comércio mundial¹⁰¹ - o decréscimo do preço do produto aumentaria mediante a conjuntura da crise de 1929 e o êxodo dos seringais¹⁰².

Ao realizar o Balanço e o Orçamento do Exercício de 1930 no relatório, tendo esse panorama sobre a atual economia e as possíveis alternativas de seu reerguimento¹⁰³, Dorval Porto conclui que o ano de 1930 será marcado pela seguinte conjuntura:

Não há desalentar: tudo indica que o ano de 1930 marcará o máximo da depressão econômica, também proveniente, em boa parte, da crise financeira mundial que determinou o retratamento geral de compras.¹⁰⁴

Na década de 1930, a sociedade manauara irá sofrer as consequências da crise. Como já mencionado anteriormente, desde o início dos anos 1920 a sociedade amazonense estava em decadência. Foi neste contexto que habitantes do interior passaram a migrar para a cidade em busca de oportunidades, pois os seringais já não apresentavam mais uma boa alternativa de emprego.

Observa-se que essa migração do interior amazônico será realizada sobretudo por habitantes de origem nordestina. Notando-se que eles já haviam saído de sua região em busca de uma oportunidade, com as “crises” eles serão obrigados a buscar outro lugar para residir e “prosperar financeiramente”, por isso eles migram para a capital.

¹⁰⁰ SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. Manaus: EDUA, 1997. p. 82.

¹⁰¹ Sobre o início da crise da economia gomífera, vide: DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus - 1890-1920*. Manaus: Valer, 2007.; SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

¹⁰² SANTOS, (1997) op. cit., p. 84.

¹⁰³ Mais informações sobre as alternativas de reerguimento vide Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Amazonas pelo Presidente Dorval Pires Porto, ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 14ª Legislatura. Manaus: Imprensa Pública, 1930. P. 60-62m

¹⁰⁴ Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Amazonas pelo Presidente Dorval Pires Porto, ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 14ª Legislatura. Manaus: Imprensa Pública, 1930. p. 75-76.

Na capital eles encontrarão moradia apenas nos subúrbios, pois o centro era o espaço de residência da elite. Em alguns casos, ao se estabelecer no subúrbio, o nordestino absorve o ofício próprio de um habitante daquela localidade – caso do pai de Áureo Nonato, um cearense que se torna um conhecido “bucheiro” do São Raimundo.

Manaus foi uma cidade edificada através da alta receita proporcionada pelo ápice da economia gomífera. A elite agroexportadora e o poder público não abriram mãos de injetar o capital excedente no desenvolvimento da capital amazonense. Todavia, após esse ápice, a capital passou por um período de crise, iniciada com uma estagnação (anos 1920) e que agora estava caminhando para uma decadência (1930).

A alta sociedade manauara dos anos 1930 já não era mais composta por aquela camada endinheirada que esbanjava tentando recriar espaços da cultura estrangeira na cidade onde residia. Todavia, observamos que a elite daquele período dispunha da mesma ocupação da que estava presente no período áureo da borracha, mas sem a mesma opulência.

Ainda eram figuras de destaque desta sociedade os agroexportadores - donos de seringais e castanhais no interior da região amazônica - que residiam na cidade. Juntamente com eles havia os donos de armazéns que estocavam as mercadorias que chegavam no porto.

Também compunha a nata social do período, a classe dos funcionários públicos. Magistrados – como os desembargadores, juízes e promotores de justiça –, bancários – sobretudo os que trabalhavam no Banco do Brasil –, além das pessoas ligadas à área educacional – sobretudo os professores que lecionavam no D. Bosco, no Colégio Estadual D. Pedro II e na faculdade local.

Por fim havia a classe dos profissionais liberais. Advogados, médicos, dentistas e farmacêuticos são exemplos de alguns trabalhadores que compunham essa classe. Observa-se que é esse grupo – formado pelos: agroexportadores, funcionários públicos e profissionais liberais – que irá revezar os cargos na política do estado e da capital amazonense.

No convívio dessa elite havia a classe dos pequenos comerciantes que supriam as necessidades locais. Figuras importantes em seus bairros e conhecidos no mercado público, eram personalidades bem relacionadas que possuíam um prestígio local próprio.

No São Raimundo dos anos 1930 observamos a figura do “bucheiro”. Como já visto em capítulo anterior, essa era uma profissão própria dos moradores desse bairro, que se caracterizava pelo pequeno comércio de “miúdos” nas cercanias de sua vizinhança.

Os marchantes, os magarefes, os talhadores, os carneiros, as lanchas boeiras do Rio Branco e do Baixo Amazonas, formavam o complexo desse mercado da carne, problema fundamental da alimentação humana.¹⁰⁵

As lanchas boeiras traziam o gado do interior para a cidade. Ela era conduzida pelo marchante-de-gado – no topo da hierarquia dos negociantes de carne, era ele que trazia o animal do interior para ser abatido no matadouro. Posteriormente, o mesmo vendia sua mercadoria para os comerciantes interessados.

Os carneiros eram os encarregados do abate do animal. Após isto, os magarefes esfolavam, esquartejavam e retalhavam o boi, realizando desta forma o processo inicial do beneficiamento do gado.

Seguindo a hierarquia dos comerciantes de carne local, temos os açougueiros e os talhadores. Eram eles que compravam a carne beneficiada para vender em seus estabelecimentos comerciais.

No meio da hierarquia dos comerciantes de carne, encontra-se o “bucheiro”. Era ele quem realizava o comércio das vísceras do gado – parte menos “nobre” do animal. Como já exposto em capítulo anterior, eram mercadores que chegavam a ganhar um bom dinheiro com a sua profissão, todavia, sua figura era associada a de um trabalho “depreciativo”.

Em seu bairro, os bucheiros eram figuras bastante influentes, seja pela distribuição diária que faziam dos “miúdos” que não eram vendidos no mercado, seja pelas festas que patrocinavam na localidade onde moravam.

Por trabalharem diariamente no mercado público, também eram figuras conhecidas na cidade, tendo inclusive um bom relacionamento com a elite local, pois muitos dos membros pertencentes a ela eram seus fregueses. Observa-se, inclusive, que muitas pessoas da elite chegavam a se tornar padrinhos de filhos de “bucheiros”.

Após esse rápido panorama socioeconômico, vejamos agora como estava organizada a arquitetura urbana da cidade de Manaus nos anos 1930.

3.1.2 Cenário Urbano: a Cidade de Manaus nos Anos 1930

A capital amazonense contava nos anos 30, com cerca de 106.399 habitantes e, apresentava indícios de queda de sua função de entreposto comercial, com a redução dos preços da borracha, agravada pela crise de 1929 e o êxodo dos seringais¹⁰⁶.

¹⁰⁵ ARAÚJO, (1974) op. cit., p. 196.

¹⁰⁶ SANTOS, (1997) op. cit., p. 84.

Conforme informações do Álbum organizado - em 1938 - na administração do Prefeito Antonio Botelho Maia, Manaus possuía um patrimônio territorial de 47.074 quilômetros quadrados¹⁰⁷. A respeito da arquitetura e meio urbano da cidade, Luís Balkar irá observar que: “Manaus é basicamente a herdada do período áureo da borracha, com pequenos espraiamentos em direção ao norte.”¹⁰⁸

O tecido urbano não foi modificado substancialmente na década de trinta, sendo possível constatar a ampliação da ocupação da margem esquerda do igarapé da Cachoeirinha, a consolidação da ocupação do bairro do Educandos ampliando-se para a Colônia Oliveira Machado e a expansão ao norte com a construção do balneário do Parque 10¹⁰⁹.

Passando por uma estagnação do ponto de vista de seu crescimento urbano, pois, conforme observa Luís Balkar, “a falência do Estado, exaurido em suas receitas, levou ao abandono e ao descuido diante do patrimônio edificado, com danos importantes mesmo para a conservação de bens como o Teatro Amazonas.”¹¹⁰ Manaus irá manter a mesma estrutura urbana edificada pela elite nos anos áureos da economia gomífera, que só seria ampliada a partir dos anos de 1960.

Estendendo-se em sua porção Norte até o Bairro da Vila Municipal (atual Adrianópolis); na porção Sul até o Bairro do Educandos (Constantinópolis, na época); na porção Leste até o Bairro da Cachoeirinha e na porção Oeste até o Bairro do São Raimundo. Observemos como era a ocupação da terra urbana da capital amazonense, tendo-se como base, sobretudo, o “Guia Turístico e Comercial da Cidade de Manaus e seus Arredores, de 1932”¹¹¹.

Na década de 1930, a única maneira de se chegar em Manaus era por meio fluvial. O Porto de Manaus – localizado no centro, à margem esquerda do rio Negro – constituía o local de desembarque na capital.

Após o desembarque, ao sair do porto, logo se terá a vista do que o Guia Comercial considera como o coração de Manaus daquela época – A Praça Oswaldo Cruz. Cercada

¹⁰⁷ MANAUS, *Álbum organizado na administração do Prefeito Antonio Botelho Maia*. Manaus- Amazonas – Brasil, 1938. p. 14.

¹⁰⁸ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Manaus: Mudar com ou contra o passado?* XXVI Simpósio Nacional de História (Simpósio). 2011. p. 9.

¹⁰⁹ OLIVEIRA, José Aldemir. *Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003. p. 92.

¹¹⁰ PINHEIRO, (2011) op. cit., p. 10.

¹¹¹ FREITAS, Edezio (Org.). *Guia Turístico e Comercial da Cidade de Manaus e seus Arredores*. Manaus– Amazonas, 1932.

por dois jardins, e rodeada por bancos de cimento, nessa praça estão localizadas a Igreja da Matriz – situada sobre uma pequena elevação em frente ao porto de Manaus; o Jardim Aviaquário – onde se encontram exemplares de espécimes da fauna e flora amazônica para a apreciação da população e turistas; além do Relógio Municipal.

Ainda aos arredores do Porto e da Praça Oswaldo Cruz, encontramos a Alfândega de Manaus – situada na rua Marquez de Santa Cruz; a estação dos bondes; o Banco do Brasil; o Edifício do Correio; a Estação Central dos Serviços Elétricos do Estado; além de um pouco mais adiante, situado na rua dos Barés, o Mercado Público.

Ainda tendo o desembarque do porto como referencial, seguindo em linha reta, penetraremos na Av. Eduardo Ribeiro que - conforme o Guia Comercial - é o centro de reuniões da elite manauara. Com cerca de 30 metros de largura, é uma artéria que serve de ponto de partida para todas as principais ruas do centro da capital. Além disso é uma via onde se encontram as mais diversas casas ligadas ao comércio varejista, importadoras e exportadoras, sedes de empresas estrangeiras, bancos, além de edifícios públicos.

Ao final da avenida, encontram-se o Ideal Clube; o Palácio da Justiça e a Praça de São Sebastião - onde está situado o Teatro Amazonas e o Monumento em Comemoração à Abertura do rio Amazonas às Nações Amigas. Outras vias ligadas ao comércio localizam-se à esquerda e à direita da Avenida Eduardo Ribeiro.

Outra avenida de grande importância é a Joaquim Nabuco. Nela estão situados os edifícios da Faculdade Livre de Direito e o Hospital Beneficente Portuguesa. Após passar por algumas artérias de menor importância, chegaremos ao final dessa Avenida - onde está situada a Praça dos Remédios, a qual possui um pequeno jardim fronteiro à igreja de N. S. dos Remédios, de onde se pode ter um amplo panorama do Rio Negro.¹¹²

Retornando à Avenida Eduardo Ribeiro, seguindo pela parte esquerda, encontram-se as ruas Joaquim Sarmiento, Lobo D'Almada – zona do baixo meretrício – e a Avenida Epaminondas. Nesta se encontra a Praça General Osório, onde estão situadas a Escola Agrônômica, a Faculdade de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia e o Quartel da Força Federal.¹¹³

Ainda na Avenida Epaminondas, encontramos o Colégio D. Bosco, situado à frente da Praça Heliodoro Balbi¹¹⁴, juntamente com a Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e o Palácio Episcopal – residência do Sr. Bispo do Amazonas. Mantendo o caminho em

¹¹² Ibid, p. 27.

¹¹³ Ibid, p. 27.

¹¹⁴ Tendo sido posteriormente renomeado, hoje essa praça tem o nome de Praça D. Bosco.

direção à esquerda, chegamos à margem do Rio Negro, onde está situado o edifício da Fábrica de Cerveja Amazonense, pertencente à firma Miranda Correa & Cia¹¹⁵.

Mantendo-se nesse lado da cidade, encontraremos a Praça D. Pedro II, onde ficam os edifícios do Paço Municipal – sede da Prefeitura Municipal de Manaus; o Hospital da Guarnição Federal; e o Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas – localizado na rua São Vicente.

Retornando à Eduardo Ribeiro, seguindo à direita encontramos a Av. 7 de Setembro. Nela está localizado o Ginásio Amazonense D. Pedro II, logo em frente à Praça João Pessoa¹¹⁶. Seguindo a Avenida, encontramos a Biblioteca Pública – em esquina com rua Barroso, o Palácio Rio Negro - residência do Presidente do Estado; mais adiante encontram-se: a Penitenciária do Estado; a Escola de Aprendizes Artífices¹¹⁷ e a Usina de reparos da Companhia de Bondes e Luz de Manaus. Conforme o Guia Comercial, durante esse trajeto será realizada a passagem por duas pontes de ferro - as quais passam por cima de dois igarapés que cortam a Avenida – que proporcionam uma vista panorâmica da cidade.¹¹⁸

Retornemos à Eduardo Ribeiro para irmos agora em direção ao término do perímetro urbano da cidade. Ao lado esquerdo desta avenida, encontramos a rua 10 de Julho, onde está localizado o Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Nas proximidades encontramos a rua Monsenhor Coutinho, onde se localiza a Praça Benjamin Constant¹¹⁹, situada à frente do instituto de mesmo nome. Mantendo-se na mesma direção, chegamos à Praça da Saudade, onde está situada a estátua do General Tenreiro Aranha. Nesse mesmo perímetro, está o Fórum de Justiça Federal. Continuando o percurso, passam-se as ruas Ramos Ferreira, Leonardo Malcher e Silva Ramos, até o momento em que chegamos na Praça de São João¹²⁰ - término do perímetro urbano da Capital.¹²¹

Além da área central¹²² já apresentada, a Manaus dos anos 1930 também dispunha

¹¹⁵ FREITAS, (1932) op. cit., PP. 27-31

¹¹⁶ Tendo sido posteriormente renomeado, hoje essa praça tem o nome de Praça Heliodoro Balbi.

¹¹⁷ Atualmente IFAM

¹¹⁸ FREITAS, (1932) op. cit., p. 33.

¹¹⁹ Tendo sido posteriormente renomeado, hoje essa praça tem o nome de Praça Antonio Bittencourt – sendo mais conhecida com Praça do Congresso.

¹²⁰ Praça Chile.

¹²¹ FREITAS, (1932) op. cit., p. 33.

¹²² Conforme José Aldemir, além de área comercial, o centro de Manaus também era onde se localizavam as residências dos segmentos mais ricos de Manaus, as quais também eram circundadas por moradias mais simples localizadas em áreas contíguas (OLIVEIRA, 2003, p. 90).

de subúrbios. Na parte Norte da capital está localizado o Bairro da Vila Municipal¹²³ onde está situado o Cemitério de São João e o Reservatório de água para abastecimento da capital; seguem-se como subúrbios os Bairros da Cachoeirinha, Bilhares, Flores, Campos Salles, São Raymundo e Constantinópolis.¹²⁴

A área leste da Capital, onde está o Bairro da Cachoeirinha, segundo José Aldemir:

(...) foi planejada como continuidade do projeto urbanístico da área central com quarteirões retangulares e dispostos linearmente, foi ocupada pelos segmentos populares que aí construíram sítios. A sua ocupação ocorreu a partir do final do século XIX, a partir da construção da ponte de ferro sobre o igarapé do Mestre Chico (...)¹²⁵

Nas partes Sul e Oeste, respectivamente, localizam-se os Bairros de Constantinópolis e do São Raimundo – dois subúrbios onde também residiam segmentos populares da época¹²⁶. Observa-se que naquela época, ambos, eram separados da cidade por braços de seus respectivos igarapés¹²⁷, não estando ligados à cidade por nenhuma ponte de ferro. Consequentemente, a ligação de seus habitantes à cidade se dava por meio de pequenas canoas a remo – que ficaram conhecidas como “catraias”.

Além disso, algo importante sobre o Bairro do São Raimundo é o fato de que o Matadouro Municipal se encontrava às margens de seu igarapé, fato que “se constituiu num aspecto importante para a ampliação da cidade, possibilitando a concentração da população para a área oeste”¹²⁸.

Manaus também dispunha de mais áreas ao seu arredor. Na qualidade de ter sido um cidade edificada sobre igarapés, observe a indicação de um passeio recomendado pelo próprio Guia Turístico:

A estrada do Lago do Aleixo, com 28 quilômetros, nesta vendo-se grandes plantações de castanheiras do Amazonas, ananázeiros, canaviais, mandiocais para o fabrico da farinha, extração de madeiras, para lenha e serrarias, etc. Empolgantes cenários da floresta e do rio Amazonas, também são descortinados. A do Tarumã Pequeno, que é um ramal da de Campos Sales, com 30 quilômetros de extensão. No termino desta, a Prefeitura de Manaós, fez construir um

¹²³ Conforme José Aldemir, esse bairro, juntamente com a estrada de Flores, eram reservadas para as chácaras e para a segunda residência da elite ligada ao extrativismo e ao *staff* das empresas estrangeiras especialmente as concessionárias de serviços públicos. (OLIVEIRA, 2003, p. 91-92)

¹²⁴ FREITAS, (1932) op. cit., p. 35.

¹²⁵ OLIVEIRA, (2003) op. cit., p. 90.

¹²⁶ OLIVEIRA, (2003) op. cit., p. 92

¹²⁷ O Igarapé do Mindu separava o Bairro do São Raimundo e o Igarapé do Mestre Chico separava o Educandos do Centro da Cidade

¹²⁸ OLIVEIRA, (2003) op. cit., p. 92.

encantador Bosque, para melhor mostrar a exuberância da floresta amazônica, no centro do qual se ergue um pavilhão original, cheio de mesas e assentos para picnics. Na construção desse pavilhão bem como de um chalet aí existente, foram empregadas somente madeiras extraídas da própria mata das cercanias. Ainda neste aprazível logradouro público, vamos encontrar a primeira Cachoeira, a do Passarinho, enorme lagedo em degraus, que recebe vasta massa d'água, tributaria, por um extenso igarapé do rio Negro. Seis quilômetros além, vamos encontrar a celebre Cachoeira do Tarumã Grande, bastante conhecida no estrangeiro. Muitos dos nossos conterrâneos ignoram sua existência, enquanto que excursionistas estrangeiros a tem visitado e admirado. Com seus 18 metros apenas de altura, entretanto merece ser vista por todos aqueles visitarem os subúrbios desta cidade, pelo fato importante de se encontrar excepcionalmente encravada em plena floresta virgem, despejando suas águas para um interessantíssimo igapó, um dos mais caprichosos e singulares que possuímos (...)¹²⁹

Observa-se que a chegada na Cachoeira do Tarumã Grande podia ser feita tanto por meio automobilístico como por lancha à motor. Outra localidade também mencionada no Guia é o Paraná do Careiro, onde podem ser observadas as Vitórias Régias¹³⁰.

Tendo-se realizado a apresentação da área urbana da cidade de Manaus, tanto central, quanto seus subúrbios e arredores, vejamos agora outras informações mais específicas sobre um de seus bairros mais antigos.

A crise da borracha atrazou consideravelmente o desenvolvimento da capital amazonense. O que Manáus apresenta hoje é quasi o que já existia há vinte e tantos anos atraz, com exceção de uma ou duas dezenas de predios públicos, entre os quais o da Saúde Pública. De forma que Manáus de hoje é ainda o que nos deixaram aqueles governos passados que desfrutaram a época da borracha valorizada. Borracha de 17 mil reis o quilo e sem a concorrência das Índias. No tempo em que se acendia charuto com cédulas de quinhentos mil réis (...)¹³¹

3.1.2 O Bairro do São Raimundo

E a cidade não cresceu em círculos, antes parece que se determinou em raios interiorisantes. O centro de partida desses raios, foi o núcleo compreendido "S. Vicente", "Remédios" e posteriormente, o "Igarapé de Manaus". Depois, tudo melhor se determinou com o traçado e a urbanização da antiga "Rua Municipal", que depois foi Filete Pires e hoje é 7 de setembro.¹³²

Localizado sobre uma península de terras elevadas, situadas entre a Colônia dos Franceses, Rio Negro, Igarapé do Franco e o Bombeamento¹³³, a ocupação da área do Bairro do São Raimundo é tão antiga quanto a do Bairro de São Vicente.

¹²⁹ FREITAS, (1932) op. cit., p. 37-39.

¹³⁰ FREITAS, (1932) op. cit., p. 41.

¹³¹ PEREIRA, Jayme R. *Amazonia (impressões de viagem)*. RJ: Civilização Brasileira, 1940. p. 39.

¹³² ARAÚJO, (1974) op. cit., p. 103.

¹³³ ARAÚJO, (1974) op. cit., p. 188.

Considera-se 1849 como o início da ocupação da área que viria a se tornar o Bairro do São Raimundo. Foi nesse ano que o Governo do Estado doou à Arquidiocese de Manaus uma área com cerca de 380.000 m², repassada ao Seminário São José.¹³⁴

Casas construídas por famílias de origem humilde começaram a ser estabelecidas ao redor de uma pequena Igreja de madeira¹³⁵. Observando-se que todos que construíam suas propriedades nessa área deveriam, ao final do mês, pagar uma pequena quantia a título de “Foro da Igreja”¹³⁶.

Por volta de 1920, quando o bairro do São Raimundo ainda vinha surgindo na aurora de seu futuro, com pouco mais de 40 casas de taipa, espalhadas pelas ruas existentes e esburacadas pela erosão pluvial, e com vegetação de pequeno porte, onde o trânsito das pessoas desenvolvia-se em veredas sob as cajazeiras, ingazeiras e azeitoneiras (...)¹³⁷

Aos poucos o bairro ia tomando forma. As famílias que no São Raimundo se estabeleciam eram, sobretudo, de origem pobre, vindas do interior, em grande parte nordestinos - oriundos do Ceará - que vinham a procura de emprego em Manaus.¹³⁸

Da década de 1930 – a que nos interessa nesse trabalho – até os anos 1950, a estrutura urbana do bairro do São Raimundo não se modifica. O motivo disso, conforme os memorialistas do período, era a sua falta de ligação com a cidade de Manaus que lhe impedia o progresso¹³⁹. Agora observe as principais ruas do Bairro do São Raimundo desse período:

Até antes do advento da construção da Estrada de São Raimundo, que liga hoje o Bairro ao centro, isto por volta de 1950, bem poucas eram as ruas do Bairro; umas conhecidas pelo nome original e algumas, por denominação popular, dadas suas características próprias, ou em virtudes de pontos de referências. Assim é que tínhamos a rua 5 de Setembro, a rua Beira-Mar, a rua da Sede, a rua da Bosta – esta, localizava-se por trás do Clube Sul América, onde havia certa criação de porcos (suínos), que faziam daquela artéria a sua grande pocilga, deixando-a completamente suja de excremento. O nome verdadeiro dessa rua, era pouco conhecido – era rua São Francisco.¹⁴⁰

Com relação à rua da Sede, ela recebia esse nome pelo fato de nela estar localizada

¹³⁴ SOUZA, Ellza. *Do Alto da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008. p. 17.

¹³⁵ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 11.

¹³⁶ SOUZA, (2008) op. cit., p. 17.

¹³⁷ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 23.

¹³⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 168.

¹³⁹ Memorialistas como Áureo Nonato e Amaro Alencar.

¹⁴⁰ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 19.

a primeira sede do São Raimundo F. C.¹⁴¹ Além disso, não havia muitos becos, nem travessas no Bairro, com exceção de poucos, tendo apenas um com denominação própria – O Beco do Normando¹⁴².

Observa-se também que o restante da área do bairro era coberta por uma vegetação abundante em árvores frutíferas, além do igarapé que demarcava seus limites com o centro da cidade.

No bairro pouca coisa dava certo. O comércio sempre foi fraco. Já saíram de lá delegacia, loteria, mercado, feira livre, até escola fecharam¹⁴³.

O Bairro do São Raimundo chegou a ter um Mercado Municipal. Sua instalação ocorreu em 1914, tendo sido construído um prédio próprio para ele. Todavia, funcionou apenas por dois anos – a falta de clientela levou ao encerramento de suas atividades.¹⁴⁴ Seu antigo prédio foi o local onde fora posteriormente instalado a escola de ensino primário do Bairro – Grupo Escolar Olavo Bilac.

Os únicos tipos de comércio que prosperavam lá durante os anos de 1930 – e até muito posteriormente – eram os de pequeno varejo. Tabernas, mercearias, bares, padarias, quitandas e pequenas tendas eram o que movimentava a economia interna do bairro.

Apesar da origem humilde dos moradores do bairro, os seus habitantes mais abastados procuravam imitar as manifestações culturais da população do centro da cidade. Mesmo pequeno, possuía dois clubes de futebol – O São Raimundo F. C. e o Sul América S. C. – ambos com suas próprias sedes, que serviam também como locais de interação social. Nelas eram realizados bailes durante diversas épocas do ano. Além disso, a localidade dispunha de alguns cinemas para o entretenimento de sua população.

De repente, montes e montes de pedras e cimento se avolumavam à beira do igarapé, ao lado da casa das Pinheiro (a profa. Alzira, a Aurora, a Adayar, a Aglayr e a Anadyr, ainda vivas), aumentando assim as esperanças de que o progresso chegaria àquele bairro (...) ¹⁴⁵

A possível falta de ligação direta com o centro da cidade lhe dava a característica própria que descrevemos nos parágrafos anteriormente. E essa particularidade que o bairro

¹⁴¹ SOUZA, (2008) op. cit., p. 21.

¹⁴² ALENCAR, (1985) op. cit., p. 19.

¹⁴³ SOUZA, (2008) op. cit., p. 24.

¹⁴⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 169.

¹⁴⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 47.

possuía, Áureo considerava como sendo um “atraso”, pois comparado ao centro da cidade, a região dispunha de uma quantidade limitada de serviços públicos para atender a sua população.

Por sua vez, o cotidiano da população era influenciado pela ausência de determinados recursos – como vimos. A construção de uma ponte que ligasse o bairro ao centro, conforme o trecho precedente, era a expectativa que a população do São Raimundo possuía de que com ela chegaria o tão sonhado “progresso”.

Ainda sobre o trecho precedente, esse é o relato de nosso memorialista sobre o momento da edificação dos alicerces da ponte que hoje liga o bairro diretamente ao centro da cidade de Manaus. Todavia, apesar dos alicerces terem sido construídos no começo da década de 1930, a ponte só seria construída em 1986 – sendo inaugurada em 1987, com o nome de Fábio Lucena.

As esperanças de uma ponte ligando o bairro de São Raymundo Nonnato à Cidade têm mais de século...
... as promessas começaram a tomar corpo lá pelos idos de 1917. Dali para cá elas se multiplicaram...
Foi um entrar e sair de governantes e o tempo passando, passando!
No início dos anos 30 elas chegaram mais fortes e até grandes alicerces de concreto surgiram.
Mas, o tempo, novamente passou...
... passou e eles ainda ali estão, transformados em tristes ruínas! Ruínas dos sonhos e das esperanças de toda a população do mais tradicional bairro da Cidade.
Neste ano de 1986, as esperanças do bairro e de sua gente se redobraram.
O Governador atual, professor Gilberto Mestrinho, empossado em 15 de março de 1983, não só vem prometendo, mas, garantindo a construção, antes de deixar o Governo do Estado, em março de 1987, da tão esperada Ponte de São Raymundo.¹⁴⁶

Entre os anos de 1930 e 1980, foi construída uma ponte menor com o objetivo de ligar o bairro do São Raimundo à cidade de Manaus. Na parte de trás do bairro, entre os anos de 1947-1951, foi construída a Ponte Presidente Dutra – que ficaria mais conhecida pelo nome do governador que iniciou a sua edificação, Leopoldo Neves.

Amaro Alencar relata, em suas memórias, que essa ponte foi o início da chegada do “progresso” a região. Isso se deveu ao fato de que para que ela fosse erigida, foi necessário – inicialmente – a edificação de uma nova Estrada que seguisse do Bairro em direção ao centro.¹⁴⁷

¹⁴⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 185.

¹⁴⁷ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 55-56.

Ainda conforme Amaro Alencar, antes da conclusão da estrada, o próprio governador – Leopoldo Neves – se encarregou de dar início às obras de recuperação das principais ruas do São Raimundo, que receberam serviços de terraplanagem e asfaltamento¹⁴⁸.

Por consequência, após o término da construção da estrada, houve um rápido interesse em povoar a área ao seu redor. E conforme os relatos de Amaro Alencar, as habitações que foram construídas nessa localidade deram origem aos bairros da Glória e do Santo Antônio.¹⁴⁹

Enquanto surgiram lentamente os bairros da Glória e do Santo Antônio, o Bairro do São Raimundo progredia muito com as instalações das redes de água encanada e melhoramento da iluminação por lâmpadas elétricas. Aos poucos, todos foram conseguindo água encanada e iluminação elétrica em suas casas.¹⁵⁰

Apesar da edificação da ponte ter trazido melhorias – conforme expresso no trecho precedente de Amaro – sua ligação ao Centro por uma ponte que começasse no Porto das Catraias e terminasse na Aparecida era o que de fato os habitantes do São Raimundo desejavam.

Transcorridos mais de cinquenta anos, alguém hoje pode perguntar:

- E a ponte Leopoldo Neves, não está ligando o bairro à Cidade?!

- Não, não está ligando o bairro à Cidade: esta é a resposta certa.

A Ponte Leopoldo Neves atendeu e serviu apenas a interesses e à cobiça de proprietários de terrenos naquela área, bem distantes do bairro.

São Raymundo até hoje sofre um terrível atraso em sua parte principal, que é aquela que ladeia o igarapé, defronte à antiga fábrica de Cerveja XPTO e a velha Serraria do Hore, devido ao estrangulamento que lhe impuseram. Os péssimos ônibus que servem o bairro voltam para a Cidade, circulando a Igreja que fica na parte de cima da referida área.

Com a sonhada e prometida ponte, a ligação com o centro da Cidade seria feita de ônibus em menos de 10 minutos. No entanto, a mesma ligação é feita em mais de 30 minuto ou mais, mesmo de carro.

Resultado disso, aquela área que teria, com a prometida ponte, um espetacular desenvolvimento de grande importância social e econômica, continua com o mesmo atraso de há cinquenta anos, abandonada, suja, e agora, servindo de porto sórdido a um amontoado de lanchas tripuladas por gente do interior sem o menor senso de higiene e comportamento social¹⁵¹.

Residentes em uma colina cercada por um igarapé, só a partir do final de 1987 que os habitantes do São Raimundo passariam a ter uma rápida via de acesso terrestre ao centro

¹⁴⁸ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 55

¹⁴⁹ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 57.

¹⁵⁰ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 57

¹⁵¹ NONATO, Áureo. (1986) op. cit., p. 47-48.

da cidade. Antes disso - e sobretudo antes da década 1950 - o principal transporte utilizado para se chegar ao centro da cidade de Manaus era a “catraia”.

As catraias eram pequenas embarcações cobertas com toldo de lona, tocadas manualmente por um homem que manejava habilmente duas faias, que em Manaus passaram a serem chamadas de remo. As pequenas embarcações conduziam de 15 a 20 passageiros sentados. Funcionavam com certa ordem possuindo, inclusive, horário para a saída e para a duração da viagem. O transporte funcionava normalmente até as 19 horas. A partir desse horário, e durante toda a noite, havia os plantonistas que também permaneciam nos domingos e feriados¹⁵².

A edificação da Ponte Fabio Lucena extinguiu essa atividade da região. Algo que se observava é o fato de que os catraieiros eram figuras públicas bastante conhecidas do bairro – algo que veremos posteriormente.

Feito esse panorama geral sobre o São Raimundo nos anos 1930, observemos no próximo capítulo as lembranças que Áureo Nonato possui sobre os Espaços, os Personagens e os Costumes dessa localidade em sua época de menino - e que é o objeto central de análise dessa dissertação.

O Bairro do São Raimundo, teve a suprema felicidade de se formar nos moldes de uma Capitania Hereditária, onde os Padres e as Freiras ditavam as normas de conduta do dia-a-dia. Antes dos Clubes – São Raimundo e Sul América, e antes dos Cines Ideal e Paroquial, o divertimento da população, restringia-se às festividades religiosas, isto é, às missas aos domingos, feriados e dias-santos-de-guarda, nos horários de 5 as 7 horas (da manhã); às reuniões com padres e freiras; às procissões consagradas à São Raimundo Nonato, São Francisco, Corpo de Deus, além das procissões noturnas de rua em rua, iluminadas à vela – cada fiel levava uma vela acesa, que inclusive, possibilitava melhor a caminhada pelas ruas esburacadas¹⁵³.

¹⁵² OLIVEIRA, (2003) op. cit., p. 141.

¹⁵³ ALENCAR, (1985) op. cit., p. 90.

CAPÍTULO IV – AS LEMBRANÇAS DE ÁUREO NONATO

Espaços, personagens, hábitos, costumes e tradições se sucedem e são evidenciados no relato que Áureo Nonato faz de seu cotidiano. Na qualidade de uma memória que - como já vimos - por natureza é seletiva, observemos a maneira como nosso memorialista reconstrói o São Raimundo de seu tempo de menino.

4.1 ESPAÇOS

Chamamos bairros pobres aos arrabaldes, aos subúrbios vizinhos, que cercam a cidade, que são também pequenas comunidades¹⁵⁴.

O espaço central das memórias de Áureo Nonato é o São Raimundo. É a partir dele que se desenvolvem seus relatos. Um dos bairros mais antigos de Manaus - de forte educação religiosa - possuía um cotidiano próprio que se dilatava em seus diversos espaços.

Ainda sem dispor de uma ligação terrestre direta para o Centro, observa-se que o Porto das Catraias, além de constituir um espaço de embarque e desembarque tanto de pessoas quanto de mercadorias, também se constituía em um espaço de convivência do Bairro.

Nas noites de lua cheia, o calor nos levava sempre à beira do igarapé, perto do porto das catraias, em frente à casa de minha madrinha Dos Anjos, E alí ficávamos...
... conversando e
sonhando sonhos irrealizáveis...
como o de ir de avião até a lua
ver de perto o São Jorge
(assim sonhava o Higíno)...
ou o de construirmos uma ponte grande até a Cidade
e irmos passeando a pé até o outro lado
do nosso querido igarapé de São Raymundo¹⁵⁵.

Admirar a imensidão de uma noite bem iluminada. “Conversar fiado” com um conhecido sem o medo de um iminente assalto de algum vagabundo de rua – faziam parte da realidade descrita por nosso memorialista.

À respeito da característica das habitações construídas pelos habitantes da área do

¹⁵⁴ ARAUJO, (1974) op. cit., p. 184.

¹⁵⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 83.

Porto das Catraias, conforme as lembranças de Áureo, observamos residências de alvenaria – que é o caso da casa da Madrinha Dos Anjos¹⁵⁶ -, e os flutuantes¹⁵⁷ – geralmente habitados pelos catraieiros, personagem que veremos mais adiante – um tipo de habitação popular construída por quem não dispunha de um terreno próprio para construir sua residência.

Além disso, o Porto das Catraias era um espaço privilegiado para se ter uma vista panorâmica do centro da cidade de Manaus:

se exibindo do outro lado da baía do Rio Negro, ou contemplava a Cidade à minha frente, tendo ao fundo um verdadeiro lago de luz por onde fluuava a majestosa cúpula do Teatro Amazonas.¹⁵⁸

Observamos que a distância que o bairro possuía da cidade, perpetrava em seus habitantes mais abastados, a vontade de criar espaços similares aos do Centro da Capital. Por não terem acesso às localidades frequentadas pela elite manauara – sobretudo pela distância - objetivavam assim reproduzir no Bairro um pouco dos hábitos culturais desta.

(...) escola só tinha o Grupo Escolar Olavo Bilac, funcionando num prédio construído para ser um pequeno mercado (...) ¹⁵⁹

Como já mencionado no capítulo anterior, o Grupo Escolar Olavo Bilac foi instalado no antigo prédio do Mercado Público de São Raimundo. Era a única escola da região, tendo suas dependências destinadas apenas ao ensino primário.

Ainda sobre o Grupo Escolar Olavo Bilac, Áureo Nonato irá informar que pela parte da tarde, após às quatro horas da tarde, será o momento em que ele e seu grupo de amigos irão sentar à frente deste espaço com o objetivo inicial de observar as meninas, as mocinhas e as mulheres que ali passavam¹⁶⁰. Em seguida, o mesmo observaria o divertido cotidiano que girava em torno da banca de tacacá da “velha” Dona Maria Barbosa – que será melhor explorado no tópico Personagens deste mesmo capítulo.

Em frente ao Grupo Escolar do Bairro ficava a rua da Sede - já apresentada em capítulo posterior - vejamos como nosso autor a retrata em suas memórias:

¹⁵⁶ “(...) uma casa comum, de tijolos, com ampla sala de visitas, três quartos, sala de jantar, cozinha e banheiro.” (NONATO, 1986, p. 193).

¹⁵⁷ Habitação de madeira construída sobre uma tora de açacu, a qual lhe proporcionava a estabilidade durante a cheia e a seca do rio, evitando a sua imersão.

¹⁵⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 54

¹⁵⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 47.

¹⁶⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 60.

Como esquecer a minha, a nossa Rua da Sede, onde nós os meninos do bairro: Dióla; Aurélio, meu irmão; Nêno; Higino; e tantos outros, passávamos tardes e noites intermináveis, ora em combativas “peladas”, outras vezes em compridas conversas na calçada da sede, algumas outras ouvindo, entre espantados e atentos, as estórias fantásticas de “seu” Estandelau, e muitas e muitas outras vezes em fantásticas noites enluaradas, comendo melancias que íamos comprar, a mando de papai, nas praias a beira do igarapé.¹⁶¹

Além de ser uma das principais vias do bairro – entre as poucas ruas existentes no período -, o forte sentimento que Áureo tinha por essa rua se dava, sobretudo, pelo fato de ter morado nela até os 17 anos. A casa de sua família localizava-se no cruzamento da Rua da Sede com a Rua São Francisco, tendo o número 85 “figurando em branco numa placa azul fixada no portal superior da porta principal”¹⁶².

À respeito dessas pessoas presentes na citação precedente e do cotidiano que elas davam à rua, como já mencionado anteriormente, mais informações serão dadas no tópico “Personagens”.

Entre os espaços de lazer que foram reproduzidos pelos habitantes mais abastados do São Raimundo estão as sedes de Clubes de Futebol e os Cinemas. Contando com dois clubes – São Raimundo F. C. e Sul América S. C. - e, conseqüentemente uma sede para cada um, eram nesses espaços que se realizavam diversas festas em formato de baile – que veremos no tópico posterior “Costumes”.

Conforme as recordações de nosso memorialista, o Cine-Paroquial era o cinema do bairro nos anos 1930. Nele, Áureo assistia aos filmes de faroeste “que” serviam de inspiração para as brincadeiras de manja e de “bandidos” e mocinhos com as quais ele se divertia com seus amigos¹⁶³.

Além disso, o Cine Paroquial também servia como espaço de teatro. Foi nesse lugar que o Padre Carlos Fluhr organizou a apresentação das “pastorinhas”, em espetáculos muito bem cuidados¹⁶⁴ – como veremos mais adiante.

No período da seca, observamos o aparecimento das praias na região. Localizadas no lado direito do porto das catraias, indo pelas margens do igarapé e da baía do Rio Negro, até bem depois do curtume¹⁶⁵.

Observemos a lembrança que Áureo possui desse espaço:

¹⁶¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 71.

¹⁶² NONATO, (1986) op. cit., p. 77.

¹⁶³ NONATO, (1986) op. cit., p. 84.

¹⁶⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 42.

¹⁶⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 84.

Era nesse cenário que não só nós os meninos do bairro, mas toda a gente de São Raymundo e até da Cidade se embrenhava, todas as tardinhas, para divertidos “pic-nics” e banhos à beira das praias de areias finas e limpas.

E principalmente, para apreciar
 os extraordinários pôr-do-sol
 amazonense
 entreluzindo
 por entre nuvens multicoloridas,
 sob as mais diversas formas,
 compondo
 um estranho mundo encantado
 de luzes, cores e imagens¹⁶⁶.

Já que paramos na beira do igarapé, peguemos uma catraia para vislumbrar os espaços que Áureo frequentava “além do bairro” do São Raimundo.

4.1.1 Espaços Além do Bairro: o Centro da Cidade

Devido à pouca idade do nosso memorialista, a ida a outros locais - além do bairro do São Raimundo - era realizada com a companhia de seu pai. A partir disso, “seu” Antonio Nonato objetivava apresentar seu primogênito aos principais espaços da cidade de Manaus, e ao mesmo tempo, divertir a família em alguma atividade recreativa.

Papai, nos dizia, sempre, para mim e para o Aurélio:
 - Quando a gente visita um lugar ou uma cidade, a primeira coisa que se deve fazer é conhecer o mercado, a igreja e a ‘zona’. Fazendo isso a gente fica conhecendo a cidade por inteiro e a sua gente¹⁶⁷.

Após o expediente no mercado, entre às 11 e 12 horas, “seu” Antonio Branquinho seguia em direção ao Porto das Catraias levando, pelas mãos, seus filhos Áureo Nonato e Aurélio.

O serviço de bonde poderia reduzir o tempo da caminhada, mas o pai não abria mão de realizar um percurso mais longo - a pé - com o objetivo de “admirar” os espaços da cidade juntamente com os filhos.

Havia o bonde, é claro, mas papai preferia fazer o longo percurso, debaixo de um sol de rachar, levando-nos a conhecer alguns lugares da Cidade, como o Restaurante Central, de um português chamado Lopes, situado numa das ruas ali por traz da Matriz, onde tomávamos uma saborosíssima sopa de massas, ou um suculento caldo de cosido, ou ainda “papas a portuguesa” à base de fubá-de-milho e até hoje nunca esquecidas. Ou então, passando em frente à Matriz e

¹⁶⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 84.

¹⁶⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 92.

subindo em direção à Praça do 27º Batalhão de Caçadores¹⁶⁸.

Além dos espaços, o “bucheiro” também fazia questão de apresentar pessoas – seus clientes mais fiéis – a seus filhos.

Antes de chegarmos a Matriz havia um ponto obrigatório de parada para o “seu” Antonio Branquinho. Era a Pharmacia Palhano do “seu” Canuto. (...) O “seu” Canuto Palhano era um dos fregueses mais certos de papai. Ele sempre nos presenteava com balas de tamarindo e bombons.

Papai costumava também passar pela Rua Barroso, na casa de seus compadres Doutor Arthur Studart e de Dona Leonizia Studart (...), padrinhos de batismo de meu irmão Aurélio e fregueses certos de miolos, rins e fígado daquele bem amarelinho. Enquanto papai conversava com eles, nós, eu e Aurélio, brincávamos com o Carlos, a Nyzia e a Zuila, seus filhos¹⁶⁹.

Tendo iniciado no Mercado – seu local de trabalho – seguido da praça e seus arredores, para concluir o passeio, “seu” Antonio Branquinho também fazia questão de levar seus filhos à zona do baixo meretrício.

Outras vezes papai sempre pronto a nos proporcionar ensinamentos, entrava na Rua Itamaracá (a mesma rua de hoje, que começa na Sete de Setembro e termina ao lado do Colégio Dom Bosco), comigo e Aurélio a tiracolo.

Nas enormes janelas e portas, entreabertas, as ‘raparigas’, ou ‘prostitutas’ ou ainda “putas”, lá estavam à espera de seus constantes e endinheirados fregueses. Papai, então, se dirigia a uma ou outra, já sua conhecida do Mercado, e apontando ora para mim, ora para o Aurélio, dizia-lhes:

- Ei, você aí. Olha o freguês! Você vai descabaçar esse aqui! Elas o respondiam com admoestações:

- Crie vergonha, home!

- Respeite seus filhos!

Eu e Aurélio nos entreolhávamos, entre surpresos e um tanto assustados, enquanto “seu” Antonio Branquinho seguia seu caminho rindo e com um certo ar de triunfo!¹⁷⁰

Além do centro da cidade, Áureo também era levado em excursões pelos arredores da capital. Através de incursões que ocorriam nos sábados e domingos, ou dias santos e feriados, em que o Mercado não abria, toda família saía em esticadas andanças, para passeios ou “pic-nics”¹⁷¹.

Uma das opções era o passeio de bonde – um serviço público que o São Raimundo não possuía. Era um programa muito comum nos anos 30 e que divertia muitas famílias¹⁷².

¹⁶⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 111.

¹⁶⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 111-112.

¹⁷⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 112.

¹⁷¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 112.

¹⁷² Mais detalhes sobre o bonde enquanto entretenimento, vide: OLIVEIRA, José Aldemir. *Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003. p. 143-144.

Conforme nosso memorialista, o passeio iniciava na Cidade, indo até a Cachoeirinha ou a Flores.

Tendo a obra de José Aldemir como base, vejamos como eram as rotas dos bondes que os Nonato dos Santos pegavam em seus passeios:

As linhas de bonde existentes na cidade na década de vinte eram, com poucas modificações, as mesmas existentes no início do século e de certo modo perduraram até o início dos anos cinquenta.

Nessa época, a estação era na praça XV de Novembro, de onde saíam as principais linhas:

(...)

Cachoeirinha (Pobre Diabo) – Saía da praça XV de Novembro para a avenida 7 de Setembro. Seguia pela rua Uaupés até a curva da morte, contornando a rua Ipixuna até a Rua Borba alcançando a rua Santa Isabel. Retornava à estação pelo mesmo trajeto.

Cachoeirinha (Casa Amarela) – Saía da praça XV de Novembro para a avenida 7 de Setembro, seguia pela rua Uaupés até a curva da morte, contornando a rua Ipixuna, seguia pela Rua Borba, depois rua Manicoré, retornava pela rua Carvalho Leal fazendo ponto final na Casa Amarela, na esquina com a rua Codajás. Retornava à estação pelo mesmo trajeto.

Circular Cachoeirinha – Saía da praça XV de Novembro para a avenida 7 de Setembro, seguia pela rua Uaupés até a curva da morte, contornando a rua Ipixuna, depois a rua Borba, a rua Manicoré, rua Carvalho Leal, passando pela rua Belém e fazia ponto final na praça Chile. Retornava pelo Boulevard Amazonas, rua Silva Ramos, Epaminondas, Instalação e finalmente parava na praça XV de Novembro.

Havia ainda a linha de Flores, que avançava para o norte da cidade ultrapassando os limites, fazendo ponto final no lugar Bom Futuro na BR-17 após a bifurcação da rua Recife com a avenida Constantino. (...) ¹⁷³

Devido à natureza do trabalho, foram recortadas apenas essas linhas. Mas, para mais informações sobre as outras linhas de bonde, vide a mesma obra do autor.

A Ponta do Ismael é outro espaço de passeio que Áureo recorda ter frequentado com seu pai. Nas proximidades desse local fora instalado, em 1913, a primeira Estação dos Telégrafos de Manaus¹⁷⁴. Localizado no atual Bairro da Compensa, atualmente, nas redondezas desse local faz-se a captação de água da capital amazonense.

A Ponta do Ismael era um lugar muito bonito, situado em terreno arenoso, um tanto úmido e muscoso, quase todo cheio de pequenas árvores como araçazeiros, marmeleiros silvestres e plantas rasteiras.

Suas alvas e finíssimas areais contrastando com o verde, ora claro, ora escuro, da vegetação e o colorido de suas flores exóticas, formavam um lindo e aconchegante cenário.

Era daí que muitos dos moradores de São Raymundo e da Cidade levavam boas quantidades de musgos e samambaias para compor as “lapinhas” de

¹⁷³ OLIVEIRA, José Aldemir. *Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003. p. 109- 110.

¹⁷⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 112.

Natal.¹⁷⁵

Ainda na região suburbana da Cidade, outro espaço de lazer frequentado era a Cachoeira-Grande do Tarumã – já apresentada em capítulo anterior. Podendo ser atingida por via automobilística ou fluvial, observa-se que o pai de Áureo o levava para lá de canoa.

Uma outra imagem que me ficou e que anos mais tarde me serviu para compor um sentido poema-canção, foi a Cachoeira-Grande do Tarumã. Como era impressionante o cair de suas águas, doiradas pelo sol, sobre as enormes pedras do rio, lá em baixo, para seguir em seu destino de ir rolando, sem parar...
Muitas e muitas vezes, papai nos levou até ali em inesquecíveis tardes de domingo.
Vínhamos de canoa até certo ponto do rio Tarumã e depois seguíamos à pé, contra a correnteza, por sobre as enormes pedreiras que afloravam em todo o percurso do rio, encachoeirando suas águas, até a Cachoeira-Grande do Tarumã¹⁷⁶.

Paramos novamente no rio, então peguemos uma lancha para conhecer os espaços do interior do Amazonas que nosso memorialista visitou quando menino.

4.1.2 Espaços Além da Cidade: o Interior do Amazonas

Como já mencionado anteriormente, Áureo teve a oportunidade de frequentar o interior devido à influência de seu pai junto aos comandantes de lanchas que seguiam viagem para lá.

O Amazonas da década de 30 dispunha de poucas estradas que ligassem a capital aos municípios do interior. Nesse sentido, era um privilégio conseguir conhecer os espaços e municípios do interior amazonense daquela época, pois eles eram acessíveis, sobretudo, por via fluvial.

A primeira viagem que nosso memorialista fez para o interior foi na lancha “Diana”, durou 15 dias – contando ida e volta. Com o objetivo de observar as trocas comerciais realizadas por um “marchante do gado”, nessa lancha ele teve a oportunidade de viajar pelo Baixo Amazonas, observando a paisagem da região amazônica através de um itinerário no qual pôde conhecer as comunidades de Itacoatiara, Parintins e Óbidos.

Durante a viagem, tudo para mim tinha o sabor de aventura
O cheiro de bordo agia em mim como um excitante!

¹⁷⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 112.

¹⁷⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 112.

(...)

Em cada cidadezinha ou lugarejo onde a “Diana” parava por seis ou mais horas, principalmente durante a viagem de volta, era uma festa de alegria, de boas-vindas, de troca de presentes, entre o pessoal da guarnição de bordo, incluindo o comandante e seu pequeno comando, e a caboclada e seus muitos meninos que se misturavam com os trabalhadores locais.

Enquanto isso, o pessoal do batelão e os caboclos de terra faziam a conferência e o embarque do gado, além de mantimentos para bordo, como pirarucu fresco, leite, queijo, manteiga, ovos de tartaruga, milho, mandioca, ou macaxeira, melancias, abóboras, ou jerimuns, maracujás do mato e bananas.

Entre um lugarejo e outro levava-se até dia-e-meio ou dois dias de viagem, próximo às ribanceiras, igapós, cerrados e matupás.

E era um permanente desfilar de imagens...

... impressionantes e maravilhosas!

Meu olhar, sempre pronto e penetrante,

sequioso de novas imagens,

estava delirantemente

voltado para os barrancos,

em pleno rio Amazonas –

com suas águas barrentas

correndo voluptuosamente,

num borbulhar permanente¹⁷⁷.

Havia também um intervalo específico de tempo em que Áureo tinha a oportunidade de visitar as comunidades do interior do Amazonas. Durante as férias escolares, conforme nosso memorialista nos informa, “seu” Antonio Branquinho deixava que ele fosse juntamente com as três filhas mais novas da madrinha Dos Anjos passar alguns dias no Careiro ou Cambixe¹⁷⁸.

Infelizmente, em seu memorial de infância, não há descrição do cotidiano que vivenciado nesses espaços.

Ou quando eu sismava de acompanhar o ‘seu’ Estandelau em suas idas ao interior¹⁷⁹.

Morador do bairro do São Raimundo que será apresentado no tópico precedente, “seu” Estandelau era um nordestino que viajava frequentemente para as matas do interior – passando de 15 a 20 dias “embrenhado” - para trazer produtos da terra para vender na Cidade.

Era tempo de cheia do Rio Negro.

No fundo da casa do ‘seu’ Estandelau, o batelão já estava preparado para mais uma de suas idas ao interior. A viagem era para cortar madeira, fazer carvão, colher piaçava, e ‘cortar’ balata.

(...) Viajávamos um dia e meio ou dois dias, dependendo do tempo,

¹⁷⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 91-92.

¹⁷⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 91-92.

¹⁷⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 145.

subindo a margem esquerda do Rio Negro, até chegarmos ao local já predeterminado.

Daí subíamos para a terra firme, abrindo ‘estrada’ na floresta até encontrar local propício para abrir uma clareira. Encontrado o mesmo, a primeira providência era armar a barraca, a uns dois ou três metros acima do solo, aproveitando os altos troncos e galhos das grandes árvores, de modo a estarmos a salvo das onças e outros animais selvagens.

Feito isso, uns tratavam da limpeza do terreno para cavar a ‘caieira’, e, outros, cortavam a madeira para a feitura do carvão.

Madeira cortada e arrumada, tocavam fogo na ‘caieira’ e cobriam a mesma com folhas e terra. A queima durava dias.

Enquanto isso, aproveitavam o tempo disponível para ‘cortar’ balata e colher piaçava.

Em todos esses afazeres eu colaborava¹⁸⁰.

Por ser muito jovem na época da viagem, Áureo relata que em pouco podia realmente ajudar, todavia, foi nesta viagem que teve a oportunidade de observar as diversas atividades realizadas por um “prático” da região amazônica.

Na verdade, eu, com os meus doze, treze anos, tinha uma participação um tanto relativa, principalmente no cortar as árvores para a obtenção da madeira e nos trabalhos de escovação e preparo para ‘caieiras’.

O que eu fazia mesmo, e muito bem, era observar tudo.

... a maneira como eles agiam em todas as atividades.

... o modo cuidadoso como pisavam e andavam naquele chão afogado pelos galhos e folhas secas e apodrecidas, sempre úmido e cheio de perigosas surpresas, atravessando um constante emaranhado de cipós e folhagens, durante suas idas para os trabalhos do ‘corte’ de balata e a extração da piaçava.

... a procura de um local, no meio da densa mata, onde estivesse o maior número de balateiras.

... a maneira como faziam os ‘cortes’ nos troncos das mesmas.

... o modo como seguravam a ‘tigelinha’ e prendiam-nas junto ao tronco da árvore da balata e logo no final de cada ‘corte’. E a retirada delas, assim que estivessem cheias.

... como eles subiam até o alto das enormes palmeiras de piaçava, ou piaçaba, e ali colhiam montes e montes de fibras, de um vermelho-escuro, e de grande resistência, formando rolos e mais rolos.

E depois a caminhada, pelos mesmos lugares onde haviam deixado sinais de fácil reconhecimento, todos muito cansados, mas sempre alegres e atentos, de volta ao ‘tapiri’ ou barraca, bem antes de começar o cair da tarde¹⁸¹.

Tendo feito a apresentação do cenário. Agora observemos os personagens presentes em cada um deles.

4.2 PERSONAGENS

Nós, os meninos do bairro – nessa época nossa média de idade era de dez anos

¹⁸⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 149-150.

¹⁸¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 150.

-, olhávamos e observávamos tudo o que se passava ali de diferente¹⁸².

Conforme observa Ellza Souza, esse era um tempo em que apelidos eram comuns no bairro. Quase todos possuíam um. O próprio lugar era chamado genericamente de “colina”, os próprios moradores recebiam o nome “bucheiros”, além dos moradores com características mais acentuadas também receberam um apelido conforme a sua especificidade¹⁸³.

Não havia ofensa em tratar uma pessoa pelo seu apelido, pois era assim que ele era conhecido no bairro e não representava algo pejorativo para a sua figura. Tendo isso em mente, observemos as figuras mais conhecidas do São Raimundo conforme a memória de Áureo Nonato dos anos 1930.

Iniciemos com os garotos mais velhos que nosso memorialista admirava por fazerem sucesso com as jovens donzelas do bairro. O primeiro é Francisco Gomes da Silva – apelido: Chico Sitônio. Este se intitulava o rei dos papagaios¹⁸⁴, era aplicado nos estudos e se vestia elegantemente bem.

O Chico Sitônio, apesar de se intitular orgulhosamente o “Rei dos Papagaios”, era bem aplicado nos estudos, além de, aos sábados e domingos, andar muito bem vestido e quase sempre de terno e gravata, bem ao estilo dos almofadinhas da época¹⁸⁵.

Fazendo par com Chico Sitônio na categoria galã do bairro, temos Raymundo Verçosa. Era conhecido sobretudo por jogar no futebol local – sendo inclusive um dos fundadores do Sul América Sport Club.

Já o Raymundo Verçosa era uma espécie de “Leão” ou “Zico” do futebol local. Tanto as irmãs Pinheiro, as mais novas, como as Ennes, disputavam sua preferência¹⁸⁶.

O último bonito a ser referido é Lourival Bandeira Xavier. Não era um morador do bairro, todavia sua presença era constante, pois namorava uma moça do São Raimundo e jogava no Sul América.

¹⁸² NONATO, (1986) op. cit., p. 53.

¹⁸³ SOUZA, Ellza. *Do Alto da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008. p. 20.

¹⁸⁴ Pipa.

¹⁸⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 53.

¹⁸⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 53.

Outra figura de destaque na preferência e na admiração das mocinhas do bairro era o Lourival Bandeira Xavier, filho do casal Anita José Xavier Neto. Não era ele propriamente do bairro, mas dali não saía, pois além de namorar a Carmem Mendes de Arruda, ou Carmosa, com quem depois casou, filha de “seu” Alberto Francisco de Arruda e de Dona Adélia, moradores na Rua São Vicente de Paula, jogava no segundo time do Sul América¹⁸⁷.

Mudando de categoria, falemos dos conhecidos por serem bons de “papagaio”. Nessa bifurcação, além de Chico Sitônio - anteriormente citado – temos Dogival Sales de Almeida, mais conhecido como Doge, que também jogava no Sul América.

No entanto, nós os meninos do bairro, sabíamos que todo o arranjo (talas, armação, rabiola e seról) dos “papagaios” que o pretense “Rei” soltava era feito pelo Doge (Dogival Sales de Almeida) que jogava pelo Sul América¹⁸⁸.

Seguido de Doge, temos o verdadeiro “Rei dos Papagaios” – Chiquinho Daniel – que guardava o segredo de seu cerol a “7 chaves”.

Na verdade, Chiquinho Daniel, que morava na Rua do Matadouro, é que era o verdadeiro ‘Rei dos Papagaios’. Este com um seról cujo segredo nem ao seu irmão passou, é que era o terror dos que soltavam papagaios. Cortava qualquer um, por melhor que fosse a sua linha e seról¹⁸⁹.

Passemos agora para as figuras caricatas que eram verdadeiras atrações do bairro. Conhecidas por todos os moradores do período, eles movimentavam a vida popular do São Raimundo.

Para nós, os meninos do bairro, eram figuras estranhíssimas e curiosas. E não apenas para nós, elas eram figuras curiosas e invulgares. A população local também acompanhava atenta todos os seus movimentos, como se elas fossem personagens de uma peça, ora cômica, ora de horror. Eram tipos dignos de figurar em páginas de romance de Aloysio de Azevedo ou peças de Martins Penna¹⁹⁰.

Comecemos pelo catraieiro João Baú, residente em um flutuante no Porto das Catraias. Observe o trecho:

O João Baú era um catraieiro, ou canoeiro, já de meia idade. Sem as duas pernas, apoiava seu pequeno corpo numa espécie de baú. Daí o seu apelido. Vivia num flutuante, perto do porto das catraias (...) Em frente à casa das

¹⁸⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 53.

¹⁸⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 53.

¹⁸⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 53.

¹⁹⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 59.

Pinheiro.

João Baú tinha sempre uma mulher vivendo com ele, no flutuante. De vez em quando, ele a substituía por outra. Tinha fama de bom macho. A prova eram os vários filhos que possuía¹⁹¹.

Além da visibilidade que possuía pela sua profissão¹⁹², João Baú era conhecido sobretudo pelas brigas que travava com suas mulheres, que movimentavam o cotidiano do bairro.

As brigas do João Baú com as mulheres, no interior do flutuante, eram constantes e ruidosas. Algumas delas tragicômicas.

- ... me larga Baú!

- ... me deixa, Baú!

Eram gritos inquietos e doridos que partiam de quando em vez do flutuante, marcando presença no folclore local.

Outras vezes, o pobre homem era jogado para fora do flutuante como um traste, nas águas mansas do igarapé. Entre risos e chacotas, os outros catraieiros, seus colegas, socorriam sempre o indefeso João Baú¹⁹³.

Havia duas loucas bastante conhecidas no bairro: Maria Fonógra e Doninha. A primeira era uma nordestina que se caracterizava por estar constantemente bêbada. Além disso, movimentava o cotidiano do bairro com seus espetáculos de erotismo e seu palavreado “escrachado”.

Vivia quase sempre bêbada, dando verdadeiros espetáculos de erotismo degradante por onde passava.

Desde o porto das catraias, passando pelo lado do Grupo Escolar e entrando na Rua da Sede, onde eu morava, a caminho de sua casa que ficava numa rua depois, o espetáculo era o mesmo.

Na Rua da Sede, quando ela passava levantando o vestido, única veste de seu corpo, e dizendo palavrões ou cantando cantigas obscenas, com letras inventadas, as portas e janelas das casas eram fechadas e nós os meninos aconselhados pelas nossas mães a não ouvir aquelas “indecências”.

Uma das cantigas que a Maria Fonógra sempre cantava, com sua voz possante e estridente – daí o apelido, pois lembrava o fonógrafo -, era a do “Tatú subiu no pau...”, cuja letra ela deturpava, usava e abusava nas variações mais pornográficas possíveis.

E quando não cantava cantigas, cantava qualquer menino ou rapazola, que lhe passasse por perto, mostrando suas partes desnudas com o simples levantar do vestido¹⁹⁴.

Não se sabe ao certo se o comportamento de Maria Fonógra se dava por conta do

¹⁹¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 59.

¹⁹² Áureo informa que naquela época os catraieiros eram conhecidos pelos próprio nomes, assim como suas embarcações também. (NONATO, 1986, p. 155).

¹⁹³ NONATO, (1986) op. cit., p. 59-60.

¹⁹⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 60.

alcooolismo, ou se era por possuir realmente problemas psicológicos, entretanto essa personagem divertia e aguçava a curiosidade.

A segunda – Doninha – era conhecida por possuir realmente problemas psicológicos.

- Uma doida; diziam algumas pessoas.
 - Ela é doida, mas ninguém a engana quando se trata de dinheiro; afirmavam outras.
 Doninha era o seu nome¹⁹⁵.

Ficou conhecida a senhora que morava sozinha em um casebre pelos lados da cachoeirinha, ao fim do igarapé de São Raymundo. Feito de madeira e taipa, o casebre estava localizado no meio de um grande terreno fechado por velhas estacas de madeira em formato de cerca – os quais guardavam uma variedade de árvores frutíferas¹⁹⁶.

Poderia ter quarenta anos ou cinquenta. Talvez nem ela mesma soubesse o dia e o ano em que nascera. Vestia-se, normalmente, como pobre que era...
 ... saias longas e blusas soltas de chita estampada.
 Seus cabelos, em abundância, ora quedavam-se soltos, ora presos em tranças trabalhadas com esmero e arte¹⁹⁷.

Conforme informa o trecho precedente, o fato de se vestir com roupas de chita não lhe caracterizava como louca, mas sim como uma pessoa “pobre”. Um sintoma de que ela poderia ser realmente louca seria o fato de viver sozinha em seu casebre, sem família ou companheiro¹⁹⁸.

Na visão das crianças do bairro, Doninha era doida pela maneira como ela os afugentava quando tentavam invadir seu quintal.

Todos nós sabíamos, isto sim, que ela atirava pedras e pedras certeiras ou atizava os cachorros contra a gente, quando nos pressentia invadindo os seus domínios para roubar-lhes as inigualáveis frutinhas dos marmeleiros, os marmelos (...), os agridoceos araçás, as deliciosas pitangas maduras, os enormes maracujás peroba ou arrancar pequenos galhos dos juazeiros cheios de frutos (...)¹⁹⁹

Apesar deste comportamento de Doninha e da constante especulação que se fazia

¹⁹⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 163.

¹⁹⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 163.

¹⁹⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 163.

¹⁹⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 163.

¹⁹⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 163-164.

sobre sua lucidez, Áureo em sua memória enxerga com bons olhos essa senhora, qualificando-a como uma conhecida vendedora de bonecas de pano.

Aos moradores do bairro, Doninha se apresentava como exigente pedinte de retalhos de chita ou, preferentemente, de seda, com os quais criava bonecas de pano ou bruxas; verdadeiras obras de excelente artesanato.

Não só no vestir as suas criaturinhas com modelos criativos e originais habilmente executados, de fazer inveja às exímias costureiras, que Doninha era admirada no bairro e na Cidade, onde vendia o produto de seu não muito rendoso trabalho, mas principalmente, na verossimilhança com verdadeiras criaturas humanas que aplicava em suas bonecas-de-pano, tal a perfeição, plástica que imprimia na modelagem de suas mãozinhas, seus narizes, olhos e bocas.

Sempre às tardinhas de sol ameno...

... lá ia Doninha, não mais a doida...

... pelas ruas do bairro,

com sua grande cesta de palhinha trançada, espalhando beleza e encanto...

... através de suas delicadas bonecas-de-pano...

... atraindo crianças e adultos²⁰⁰.

Deixemos as “loucas” e sentemos em frente ao Grupo Escolar Olavo Bilac para observar uma “velha” que vendia seu tacacá na rua bem em frente dali.

Todas as tardes, o nosso grupo ia para a frente do Grupo Escolar ver as meninas, as mocinhas e as mulheres que ali passavam.

O ponto de atração era a banca da “velha” Dona Maria Barbosa, mais conhecida como Maria-do-Tacacá.

Como eram animadas e divertidas aquelas tardes, depois das quatro horas!²⁰¹

Em um bairro em que o comércio era pouco movimentado, a banca de tacacá de Dona Maria Barbosa figurava em um lugar de destaque. Seja pela figura caricata que atendia os clientes, seja pela movimentação que produzia no cotidiano do espaço que ocupava.

Já a Dona Maria-do-Tacacá, essa era para nós, os meninos do bairro, uma verdadeira ‘bruxa’ de contos de fada.

(...)

A “velha”, que tinha o rosto todo cheio de pequeninas e estreitas rugas parecendo um maracujá-de-gaveta, era uma nordestina (se não me engano sergipana) de língua afiada e ferina. Falava mal de todo mundo. Quando não tinha nada o que falar de ninguém, ela inventava.

Seu linguajar era um todo especial. Dizia “oithio” em vez de oito, “oithiubro” em vez de outubro, e outras barbaridades.

Mas o seu tacacá era o mais procurado pelos apreciadores, mesmo com a má fama que tinha, proveniente do velho e fedorento cachimbo, que ela não dispensava nunca, pendurado permanentemente num canto de sua boca desdentada.

²⁰⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 164.

²⁰¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 60.

Diziam todos que ela, quando servia pessoas de quem não gostava ou cismava, cuspiam na cuia antes de servir o tacacá²⁰².

Ainda na Rua da Sede, temos a figura de “seu” Estanislau.

Ah! E o que dizer do ‘seu’ Estanislau?! Que admirável era esse homem!
Um nordestino dos bons!
Andava sempre embrenhado nas matas, trazendo lenha, carvão, piaçava,
ou seriga, para vender na Cidade.
Alto, muito branco e forte, parecendo descender dos invasores holandeses
lá pelas bandas de Pernambuco.
(...)
Papai o chamava pelo nome de Estandelau. E a Dona Nenen, sua mulher,
só o chamava de Sinal²⁰³.

Pessoa de origem humilde, não tendo o privilégio de aprender a ler e nem escrever, elaborava narrativas “fantásticas” que tinham como fundo a floresta e os rios da região amazônica. Sempre que tinha oportunidade, fazia questão de compartilhá-las nas rodas de conversa, na rua da Sede, à noite.

- “Cumpadre” Estandelau, vem pra cá “home”. Vem contar umas mentiras daquelas boas!
E ele ia! Sem melindres e até com certo ar de orgulho e superioridade!
Para nós, os meninos do bairro, era maravilhoso ouvir as suas descrições,
de cobras gigantescas, com faróis na testa,
e encalhando navios do Loyde;
de botos que durante a noite
se transformavam em homens
conquistadores de caboclas;
de ataques de índios ferozes;
de tribos de índias guerreiras
muito brancas, altas e loiras,
montadas a cavalo;
de árvores tão grossas
que precisavam de dez
ou mais homens de mãos dadas
para circular circundar o seu tronco;
ou de tartarugas imensas que aguentavam
meia dúzia de homens em seu casco –
aos quais a comadre Nenen acrescentava:
... e mais cinco no peito, Sinal!
(...)²⁰⁴

Observa-se que a vivência que “seu” Estanislau tinha no interior da região amazônica – já mencionada anteriormente – lhe fornecia os subsídios para a construção dessas narrativas “fantásticas”, que Áureo lamenta não terem sido escritas.

²⁰² NONATO, (1986) op. cit., p. 60.

²⁰³ NONATO, (1986) op. cit., p. 61.

²⁰⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 61-62.

E todas elas se confraternizavam como se fossem uma só família.

Claro que aconteciam, de quando em vez, os costumeiros entrechoques de vaidades, os exibicionismos, os disse-me-disse, que disso nenhuma sociedade, por melhor que seja pode se livrar²⁰⁵.

Tal qual o centro da cidade, o bairro do São Raimundo também possuía suas famílias tradicionais. Observe o trecho:

Pontificavam socialmente, no bairro, as famílias do ‘seu’ Valentim Normando e do ‘seu’ Henrique Pinheiro, aquele pertencente a uma numerosa família de Manaus, e o outro, um cearense bem-sucedido nos negócios da pesca, casado com uma portuguesa da Serra da Estrela, Dona Maria dos Anjos Pinheiro.

Depois vinham as famílias dos Ibiapinas e dos Bessas, esta última, então, numerosíssima.

Havia também uma esmerada, competente, e muito procurada costureira, ou modista como se dizia àquela época, Dona Mariana Ennes, com suas filhas Izolina, Sinhá e Adalgiza, do primeiro marido, e Eunice, Irinéia e Chiquinha, filhas do ‘seu’ Pedro Pacheco, dono de uma das duas mercearias mais bem abastecidas do bairro. A outra mercearia era a do “velho” Sitônio.

Outras famílias também marcavam presença destacada como a dos Medeiros, dos Queiroz, dos Macedos, dos Cavalcante, dos Almeidas, dos Feitosas, e muitas outras, pois como já disse, São Raymundo era, no tempo de menino, um bairro tradicionalmente família²⁰⁶.

Também se observa o fato de que, para manterem a posição que ocupavam, casamentos entre os membros de famílias do mesmo nível social eram realizados.

...do clã dos Bessas, que era entrelaçado com o clã dos Queiroz, lembro-me que havia o ‘velho’ Manoel Bessa, casado com Dona Maria Elisa. Seus filhos: Eduardo, Ernestina (essa foi uma das minhas professoras), Manoel (esse formou-se padre-secular, mas depois de alguns anos abandonou a batina e casou-se com uma jovem de Urucurituba), Rosa, Adelayde e Elisa.

O ‘seu’ José Raymundo Bessa, casado com Dona Maria de Queiroz (irmã de Raymundo Queiroz). Seus filhos: Theodoro, Augusto, Nilton, Wilson, Mocinha (essa até hoje uma bonita mulher), Carmem, Adalgisa (a Dazinha, outras das mais lindas meninas do bairro) e Alcié.

O ‘seu’ Josué Bessa, esse também era casado com uma Queiroz: Dona Emilia (...)²⁰⁷

Como pôde ser observado, o prestígio de algumas famílias tradicionais do bairro vinha da posição que ocupavam no comércio. Além desse grupo, pessoas com profissões liberais também eram figuras conhecidas no bairro. Observe a memória de Áureo sobre as principais professoras do São Raimundo:

No Olavo Bilac, foram minhas mestras a professora Alzira Pinheiro, as

²⁰⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 65.

²⁰⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 65.

²⁰⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 65-66.

professoras Dona Luizinha Nascimento – que hoje é nome de Praça – e sua irmã Suzette, e ainda Olenka Chouvin, está muito jovem e de uma beleza que encantava a todos os seus alunos. Das mãos delas saí para o Colégio Dom Bosco, em 1934, sabendo fazer redações, que muitas vezes me valeram a famosa ‘nota dez com distinção e louvor’, além de já possuir boas noções de história universal e matemática, incluindo frações e raiz-quadrada²⁰⁸.

Além destas professoras – elite educacional do bairro – nosso memorialista recorda também o representante religioso da comunidade, o Padre Carlos Fluhr.

O novo Cemitério de São Raymundo Nonato foi inaugurado nessa mesma época (isto é, 1934, ou 1935), pelo Cura Padre Carlos Fluhr, nascido em 1904, em Wurtemberg, Alemanha, vindo para o Brasil em 1924, ordenado em 1930, em Manaus, pelo Bispo D. Basílio Olímpio Pereira, O. F. M., e pertencente a Terceira Ordem de São Francisco²⁰⁹.

Figura pública de grande prestígio do bairro, o Padre Carlos Fluhr – que também era o padrinho de nosso memorialista – realizou inúmeras obras beneficentes para a população durante o período que esteve no Bairro.

O último personagem apresentado por Áureo é o “bucheiro” – figura típica do bairro do São Raimundo. Para descrevê-lo, nosso memorialista narra a vida de seu irmão Chico Branquinho.

O Chico Branquinho, nosso irmão mais velho, filho do primeiro matrimônio de papai, foi outro que não passou daquilo que aprendeu com o nosso pai. Boêmio inveterado, era ele bem um personagem típico das estórias da ‘vida-real’ que Nelson Rodrigues tão bem soube transpor para a nossa literatura. Todas as noites se embrenhava ele lá pelas bandas da “zona fria” da Cidade, onde funcionavam os cabarés La Hoje, Verônica e o Rosa de Maio e outras casas do baixo meretrício. Sua mesa ficava apinhada de jovens mariposas atraídas pela comida e bebida sempre a farta. Depois, já alta a madrugada, ele levava para suas casas, em seu grande jipe, aquelas que não conseguiam se “arrumar” com algum caboclo endinheirado ou um comerciante qualquer.

No dia seguinte, na sua banca do mercado, ele distribuía, de graça, comida para as que iam à sua procura.

(...)

Baixinho e gordo, ele era preferido e amado pelas pobres e infelizes “mariposas”.

Quando morreu, antes de completar os 60 anos, seu enterro levou ao cemitério dezenas e dezenas de mulheres que choravam um choro triste e sentido.

Não deixou nada para a família – sua esposa Coló e seu dois filhos: Raymundo e Marrinha – além da casa onde residia, dada a ele pelo pai, e uma pequena casa de negócio alugada para terceiros e que nunca prosperou.

Todo o seu dinheiro, que ganhou vendendo bucho e que não foi pouco, ele o gastou, segundo seus companheiros de trabalho e de farras, ajudando o Sul América Sport Clube a se firmar como o melhor clube do bairro de São

²⁰⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 125.

²⁰⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 168.

Raymundo e em divertimentos alegres com mulheres²¹⁰.

Apresentadas as figuras mais conhecidas, observemos agora como nosso memorialista descreve o cotidiano do bairro.

4.3 COTIDIANO

O espírito de vizinhança mantendo a comunidade, manipulando a formação dessas unidades sociais, dessas estruturas econômicas, dessas maneiras de viver de se acomodar, de solucionar os problemas geo-socio-econômicos, como o da “rua da Frente”, o da “rua de Traz”, o da “praça da Igreja”, o da “Bodega”, o da “quintanda”, o do “flutuante”, o do “quarto” de seu Fulano, o do mercadinho, o do lago tal, o do paraná tal, etc²¹¹.

Bairro pequeno, onde todos moravam perto e se conheciam, o São Raimundo dos anos 1930 sofria com a falta de serviços que o poder público lhe negava. Devido a isso, a própria comunidade do bairro se tornou mais unida, objetivando assim minimizar as lacunas deixadas pelas autoridades governamentais.

Nessa época, era um hábito comum conversar ao “pé” da janela do vizinho:

(...) E, em muitas oportunidades, parei ao lado da enorme janela que dava para a nossa rua, para conversar com o meu amigo Solon, um dos poucos meninos que iam constantemente lá em casa.

Mas, as nossas conversas mais demoradas, sobre literatura ou assuntos outros ligados a nossa imensa curiosidade pelas coisas do mundo, ou ainda discutindo o modo de ser de nossos amigos comuns, aconteciam ali, naquela janela, onde ele se sentava quase todas as noites ou pela tardinha. Tínhamos então dez, doze anos²¹².

Em um momento em que a violência não era algo que movia o cotidiano do bairro, conversar ao “pé” da janela de um vizinho era algo que não representava perigo. Pelo contrário, era um hábito que estreitava os laços de cooperação entre os moradores da rua.

A seguir serão apresentados alguns costumes comuns aos moradores do bairro do São Raimundo evidenciados pela ausência de um determinado serviço público.

4.3.1 Costumes

Os igarapés tiveram uma importância social imensa no crescimento da cidade. Estimularam a penetração das cacimbas, das fontes, das bicas, da pescaria, do

²¹⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 98-101.

²¹¹ ARAÚJO, (1974) op. cit., p. 182.

²¹² NONATO, (1986) op. cit., p. 107.

abrigo às igarités e montarias, batelões e barcos, até do aldeamento das tribos que nesta zona viveram²¹³.

Por ter sido uma cidade edificada sobre diversos igarapés, os mesmos acabaram por modelar os costumes desenvolvidos no próprio dia-a-dia da população da capital amazonense. O São Raimundo da década de 1930 era um bairro que sofria com a falta de abastecimento de água – poucas eram as casas que possuíam água encanada naquele período. Todavia, o bairro era cercado por um igarapé.

Observe uma alternativa que os seus habitantes desenvolveram para suprir a falta de água:

No meio desse pequeno vale, uma correnteza de uns três a quatro metros de largura, com uma altura d'água de pouco mais de palmo-e-meio.
(...)
Nas encostas desse apareciam pequenos olhos-d'água, ao lado dos quais os moradores vizinhos cavavam e formavam cacimbas, de onde retiravam água sempre límpida, meio azulada e muito refrescante²¹⁴.

Uma espécie de poço improvisado feito na época da seca, de onde os habitantes do São Raimundo retiravam água limpa tanto para beber, como para utilizar em atividades domésticas, as “cacimbas” eram uma alternativa para as pessoas que não possuíam água em casa.

Descendo a Rua Central, que fica por trás da igreja, indo em direção à beira do rio, a gente chegava até uma parte da praia onde a maioria das mulheres do bairro se juntava para lavar roupa²¹⁵.

Este problema sofrido pelos habitantes do bairro os levava a procurar um espaço onde pudessem ter acesso a um grande contingente de água para lavar roupa e, conforme as memórias de Áureo, a praia era a localidade onde eles tinham acesso a ela.

Nosso memorialista também relembra as brincadeiras de seu tempo de criança. Assunto do nosso próximo tópico.

4.3.2 Brincadeiras Infantis

A recreação é um atividade necessária de relações, de contato e de interação²¹⁶.

²¹³ ARAUJO, (1974) op. cit., p. 100.

²¹⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 84.

²¹⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 84.

²¹⁶ ARAÚJO, (1974) op. cit., p. 266.

No São Raimundo, o cotidiano infantil era modelado pelos períodos de cheia e seca do igarapé. Eram esses momentos que definiam determinadas atividades que eram realizadas pelas crianças do bairro.

Nas épocas das cheias, entre os meses de maio e meados de julho, era quando nós, os meninos do bairro, ocupávamos o nosso tempo disponível ora nas travessias a nado do igarapé de São Raymundo, entre o porto das catraias do bairro e da Cidade, ora em diversos passeios de canoa, que se estendiam até a metade ou até o outro lado da baía do Rio Negro onde ficava a praia-dos-cachorros²¹⁷.

O trecho precedente é a memória de Áureo sobre as travessias realizadas a nado e à canoa - no igarapé do São Raimundo -, durante o período da cheia. Além disso, observa-se também que os meninos do bairro já possuíam uma forte intimidade com o espaço e a fauna amazônica presentes nele.

De quando em vez, um ou dois jacarés nos espreitavam, por cima das jangadas da Serraria do Hore, mas não chegavam a nos assustar e muito menos a nos convencer a interromper ou cancelar as pelejas²¹⁸.

Já era de conhecimento desses garotos o fato de que um jacaré só os atacaria se os encontrassem em um espaço de terra firme, pois este animal não possui a capacidade de respirar debaixo da água.

No período da seca, conforme a memória de Áureo, outras atividades se faziam presentes em seu cotidiano. Observe o trecho:

Entre o fim da Rua da Sede, na descida depois da casa da ‘velha’ Dona Mariquinha, até o outro lado do igarapé, dando para o fundo do salgadoiro do ‘curri’ (como também era conhecido o Matadouro Público), a gente se deparava com uma espécie de vale cheio de arbustos de pés de melancia, de melão, maxixe, camapun e muito capim alto²¹⁹.

Esse vale era um espaço de diversão que se abria apenas no período da seca. Já mencionado anteriormente, esse era o local onde nosso memorialista brincava de “manja”, e onde também apareciam as pequenas correntezas e olhos d’águas que eram utilizadas pelos moradores para improvisar as cacimbas. Observe a utilidade dada para as correntezas presentes nesse vale:

²¹⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 83.

²¹⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 41.

²¹⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 83-84.

Na correnteza, as nossas brincadeiras consistiam em fingir de nadar, dando grandes braçadas e espalhando água nos companheiros, ou então fingir de jacaré à espreita de suas possíveis vítimas²²⁰.

Além dessa brincadeira, nas imediações da mesma, a areia sempre molhada era aproveitada também na “construção” de casas, palácios, castelos, fortalezas, e, principalmente, malocas e acampamentos de índios²²¹.

De repente, sem aviso prévio, ocorria a passagem dos tucanos pelo bairro do São Raimundo. Observe a festa que as crianças faziam durante os 3-4 dias em que eles ficavam embrenhados nas matas circundantes do bairro:

(...) as épocas da passagem de levadas de tucanos pelo bairro, onde se demoravam de três a quatro dias por entre as matas circundantes.
Nós, os meninos do bairro, saíamos com baladeiras ou espingardas de brinquedo, as quais nós mesmos fabricávamos, à caça daquelas belas e saborosas aves.
Os mais velhos diziam que as aves traziam doenças. Mesmo assim, para nós, era uma festa e tanto²²².

Por fim, temos o futebol como brincadeira presente na rotina juvenil. Seja através das “combativas peladas” disputadas na rua em que moravam, seja através do prazer que possuíam em assistir aos jogos dos clubes do bairro.

Lembro-me bem de uma feita em que fomos jogar no Educandos com um clube local.
Era tempo de cheia e fomos numa lancha alugada especialmente para o acontecimento.
A lancha encheu-se de uma torcida onde predominava a gente jovem, moça e rapazes, e a meninada, disposta a trazer a vitória a qualquer preço contra o inimigo.
Era mais uma batalha entre os dois bairros, que se rivalizavam. Não podíamos perder!
De placar, não me recordo.
O que sei é que saímos do campo do Educandos às carreiras.
Eu agarrado ao mastro, ostentando a bandeira do Sul América, por duas vezes levei tombos e pedradas dos torcedores e moradores do Educandos, na desenfreada volta a lancha que nos esperava num dos barrancos. A Coló e a Nêna, a meu lado, na qualidade de guardiãs morais do “pavilhão” do Sulão, juntamente com outras jovens, formavam como que um círculo ao redor de mim.
Sei também que voltamos vitoriosos!
Vitoriosos e orgulhosos do nosso Sul América Sport Club! Orgulhosos do nosso Sulão²²³.

²²⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 84.

²²¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 84.

²²² NONATO, (1986) op. cit., p. 42.

²²³ NONATO, (1986) op. cit., p. 135-136.

Ao fim, observamos que independentemente de ser período de cheia ou de seca, os banhos de igarapé era uma atividade sempre presente no cotidiano recreativo.

Sempre às tardinhas, ali ficávamos, brincando por entre as canoas à beira da praia e tomando banho em volta das balsas das mulheres lavando roupa e as meninas, só saindo dali, de volta para casa após o espetáculo do pôr-do-sol, onde o vermelho predominava numa explosão mágica de cores e luzes²²⁴.

4.3.3 Festividades Populares

Inúmeros festejos, funções religiosas, quermesses, novenas, mês de maio, os encontros nos cafés, nas bancas de tacacá, nos botequins, os bailes públicos, os aniversários, os batizados, os casamentos, - tudo, é pretexto para alegria, para danças, para encontro de vida social²²⁵.

Em um período em que as pessoas possuíam um horário de trabalho mais curto, além de mais flexível, as festas ocupavam lugar de destaque em seu cotidiano. Muito aguardadas por já serem parte da rotina da cidade ou do bairro onde moravam, sua preparação ocupava boa parte do tempo livre de seu organizador – o qual realizava com muita disposição.

... os inesquecíveis ensaios das ‘pastorinhas’, nas proximidades do Natal Ah!, como era bonito aquilo e que saudade!...²²⁶

Tradição religiosa de origem católica, as “pastorinhas” caracterizam-se pela festividade que objetiva homenagear o nascimento de Cristo através de uma encenação teatral realizada no mês de Dezembro.

Observa-se que esse era um evento muito aguardado e que movimentava o cotidiano do São Raimundo durante os últimos meses do ano, contanto com uma grande solidariedade popular durante a sua preparação.

Lembro-me, por exemplo, da Aglyr, uma das mais novas das irmãs Pinheiro. Sempre pronta a diabruras.

Houve um ano em que ela fez questão de participar das ‘pastorinhas’ como a Cigana Rica – havia duas, uma pobre e uma rica -, e conseguiu da boa e meiga Dona Maria dos Anjos, uma portuguesa da Serra da Estrela, sua mãe, uma boa quantia para o seu traje, além de polpudas ‘esmolos’ que ela arrancava dos amigos ricos da família.

Na apresentação primeira das “pastorinhas”, ou ensaio-geral seguida de grande festa, em vez da Cigana Rica que todos esperavam ver, com largas saias de ricos

²²⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 85.

²²⁵ ARAÚJO, (1974) op. cit., p. 265.

²²⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 42.

cetins, joias e lantejoulas cintilantes, apareceu uma Cigana em farrapos de velhos vestidos de seda de suas irmãs mais velhas.

Houve um grande rebuliço e até vaias.

E ela, a Aglayr, muito alegre, calma e destemidamente se apresentou sem se importar com o espanto de todos e a maledicência das rivais, que eram muitas.

No final, a explicação dada pelas suas colegas: todo o dinheiro arrecadado para a confecção do “riquíssimo” traje, que todos esperavam, ela usou para vestir suas amigas pobres.

Foi o ano em que a ‘pastorinha’ de São Raymundo se apresentou mais bem vestida²²⁷.

Observa-se que a popularidade do evento se devia em grande parte à abertura feita para que a comunidade ajudasse em sua organização. Conforme a lembrança de Áureo, no momento em que o festejo passou a ser organizadas pelo Padre Carlos Fluhr, perdeu-se muito de sua importância no bairro. Apesar dos cuidados incondicionais que este Padre dava ao espetáculo – dirigindo-o em todas as suas áreas – ele limitou a participação da comunidade na organização e passou à apresentá-lo no palco do Cine Paroquial²²⁸.

Nosso memorialista também relembra que havia dois ou três grupos de “pastorinhas” no São Raimundo de seu tempo de menino. Além disso, o mesmo chegou a fazer carreira em um desses grupos:

Nestas “pastorinhas” eu fiz uma das mais vitoriosas, fulminantes e invejadas “carreiras”: comecei como “soldado”, depois fui “cigano”, “holandês” e terminei fazendo o primeiro dos três Reis Magos – o “Rei Baltazar”²²⁹.

Conforme o trecho precedente, nosso autor começou nas “pastorinhas” de baixo - como um “soldado” - mas terminou sua carreira como um prestigiado Rei Mago.

Outras celebrações religiosas também movimentavam o bairro do São Raimundo. Observe o trecho:

Víamos as grandes e pomposas missas e novenas, com infindáveis sermões, durante os festejos de São Raymundo, padroeiro do bairro, no mês de agosto, e de São Francisco, no fim do mês de setembro até o dia 4 outubro, com os seus arraiais festivos, muita música de orquestras ao vivo, fogos-de-artifício, disputados leilões, e, enfim, as procissões apinhadas de gente e mais gente vindas de todos os recantos da Cidade²³⁰.

Dando continuidade, temos as recordações de Áureo sobre o carnaval de sua época de menino.

²²⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 42.

²²⁸ NONATO, (1986) op. cit., p. 42-43.

²²⁹ NONATO, (1986) op. cit., p. 43.

²³⁰ NONATO, (1986) op. cit., p. 54.

Nosso divertimento maior, meu e do Aurélio, era apanhar muito confete e serpentina, sentir o cheiro inebriante dos lança-perfumes, tomar guaraná e comer pasteis. Pasteis que até hoje, ao lembrar-me, me dão água na boca²³¹.

Em uma época em que os bailes de carnaval eram eventos bastante aguardados nos clubes do centro da cidade, a comunidade do São Raimundo buscou imitar essa tradição organizando esse mesmo evento nas sedes de seus clubes de futebol. Entretenimento patrocinado pelas famílias mais endinheiradas do bairro, juntamente com as famílias mais abastadas do comércio local – “bucheiros” em sua grande maioria – não era permitida a participação de crianças.

Fingíamos dormir e depois passávamos para o quintal, subíamos por uma velha goiabeira junto ao muro, encimado por cacos de garrafas XPTO, e pulávamos para dentro do pátio traseiro da sede, onde se instalava o bar com mesas espalhadas até as portas dos grandes salões. O “seu” Thiago, um português de ‘boa cepa’, como se dizia àquela época, antigo porteiro do clube por devoção e grande dedicação, um verdadeiro “guardião dos bons costumes e da moral”, não sabia o que fazer conosco, pois éramos filhos do “seu” Antônio Branquinho, como era mais conhecido o nosso pai, Antonio Nonato dos Santos, considerado um dos ‘donos’ do bairro do São Raymundo, e sócio fundador do clube²³².

Outros encontros em que a presença de crianças era vetada também eram organizadas na Sede do São Raimundo, todavia, observa-se que o acesso que Áureo tinha à festa de carnaval se dava pela posição que ele ocupava no bairro – filho de um “bucheiro” influente da localidade.

Víamos, do lado de fora, no ‘sereno’, os suntuosos bailes na sede da Sociedade Beneficente de São Raymundo, cujos gradeados das altas janelas deixavam transparecer o rodopiar dos elegantes pares fazendo farfalhar os brocados e sedas de longos vestidos de esfuziantes damas²³³.

Para além das festividades religiosas e do carnaval, nosso memorialista também recorda um outro evento que movimentava o cotidiano de seu bairro: o aniversário de seu pai.

Um mês antes do dia 13 de junho, dia de Santo Antonio, papai nos fazia acompanhá-lo, numa de nossas canoas, pelas beiras do igarapé próximas as serrarias do Rodolfo e do Hore, em verdadeiras ‘caçadas’ às toras e pedaços de madeira para a grande fogueira que todos os anos acendíamos, em frente a nossa casa, desde a véspera de Santo Antonio, dia 12 de junho.

²³¹ NONATO, (1986) op. cit., p. 44.

²³² NONATO, (1986) op. cit., PP 43-44.

²³³ NONATO, (1986) op. cit., p. 54.

Era a preparação para a grande festa de aniversário de papai, que se chamava Antonio.

Papai fazia questão, sempre, de convidar todos os seus amigos, vizinhos, compadres e fregueses do Mercado para a grande festança.

Invariavelmente, ele trazia um cozinheiro profissional, com aquele chapéu grande e toda a paramentação adequada, e ajudantes de cozinha, contratados em navios ancorados no porto, para fazer o almoço e jantar de aniversário.

Ainda hoje me lembro dos leitões assados e enfeitados de ovos e rodela de limão; das mais variadas travessas de saladas de pescada e de bacalhau com maioneses especiais, decoradas com esmero em variados matizes, predominando sempre o vermelho dos tomates e pimentões²³⁴.

Em um período em que a presença dos vizinhos era comum nas festas de aniversário, a comemoração organizada por “seu” Antonio Branquinho transcendia os convites aos moradores de sua vizinhança. Por ser um influente “bucheiro”, o mesmo transformava seu aniversário em uma festança para o bairro, objetivando assim adquirir mais visibilidade pública e prestígio na comunidade.

Tendo-se apresentado os espaços, os personagens e o cotidiano do São Raimundo dos anos 1930 presentes na obra de Áureo Nonato, o que se deve enfatizar é o fato de que estes não representam a totalidade do que era aquele bairro naquela década. As imagens apresentadas nesse capítulo constituem o que ele foi naquele período para o nosso memorialistas, o qual, como já mencionado em capítulo anterior, concebeu seu relato a partir da “nostalgia” que desenvolveu por seu tempo de menino, vividos naquele ambiente.

“Tudo isto se passava lá pelos idos dos anos 30.

Que saudades dos meus tempos de menino, no meu São Raymundo”²³⁵

²³⁴ NONATO, (1986) op. cit., p. 78.

²³⁵ NONATO, (1986) op. cit., p. 61

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“... e eu olhava tudo com olhares de admiração e ansiedade. Sim, ansiedade! Gostaria de já ter a idade deles, daqueles pares rodopiando...
 ... daquela gente toda
 ... e poder conhecer outros lugares, outra pessoas, outros mundos! E esta ansiedade me atormentava!
 ... desde os meus oito anos. Via passar o tempo!...
 ... as mesmas coisas acontecendo naquele mundo! E eu não passava dos dez, doze anos...”²³⁶

Obra originada do sentimento de “saudade” que o autor desenvolveu devido ao desterro que ele mesmo se impôs, quando fez 17 anos e resolveu sair do bairro e da cidade em que vivia desde que nasceu, “os Bucheiros: um Memorial de Infância” é mais que um livro sobre o cotidiano de uma criança que habitava o bairro do São Raimundo nos anos de 1930.

Por se tratar de uma obra de memória em que o sentimento de “nostalgia” imperou no discurso do memorialista ao escrevê-la, observamos que o que Áureo descreveu em sua obra é um bairro idealizado pelo “vazio” que o memorialista sentiu, ao se recordar, com seus sessenta anos de idade, do ambiente em que passou sua juventude.

Assim como a “sinceridade” oriunda do “saudosismo” imperou na narrativa do autor, observamos que a sua posição social também foi responsável por selecionar uma parte do seu discurso.

Primogênito do segundo casamento de “seu” Antonio Branquinho – um cearense que era um conhecido “bucheiro” – estava a todo momento sendo treinado para herdar e assumir a banca de “miúdos” que seu pai possuía no Mercado Público.

Nesse sentido, a memória que encontramos nessa obra é a do cotidiano de um “aprendiz de bucheiro” que viveu no bairro do São Raimundo nos anos de 1930. Observa-se com isso que muitas das localidades e das pessoas que fizeram parte de sua infância, tinham algum tipo de ligação com o ofício de seu pai.

Outras “memórias” sobre o ambiente existem - e que, inclusive, foram utilizadas nesse trabalho para tratar de assuntos específicos -, todavia, a particularidade da “memória” analisada nessa dissertação está na posição social que o autor ocupava em sua época de juventude.

Informações sobre espaços, personagens e cotidiano são elementos comuns a uma “memória”. A riqueza de detalhes sobre cada um destes temas é uma característica marcante desse tipo de fonte.

²³⁶ NONATO, (1986) op. cit., p. 54.

O cruzamento de informações que pode ser feito com esse tipo de testemunho – seja o cruzamento com outras “memórias” ou até documentos oficiais – é algo de grande valia em uma pesquisa história, pois – desde que essa associação seja realizada por meio de crítica adequada – poderão surgir novas notícias que não estavam presentes em nenhum dos registros antes de sua combinação.

O que também é evidente ao analisar as lembranças de um memorialista é a ausência de determinados dados que podem aparecer em um outro vestígio – seja em um documento oficial ou até uma outra “memória”. Esse tipo de ausência não pressupõe que esteja faltando algo em suas recordações, apenas significa que o autor não achou ser algo significativo para ser preservado em suas “memórias”.

Nesse sentido, ressaltasse nesse trabalho as declarações particulares que um indício dessa natureza possui. As quais vão desde fatos presentes em documentações oficiais, até particularidades que apenas um autor de memórias deixa registrado em sua obra.

Detalhes a respeito de pessoas - seu comportamento, sua personalidade e até sua aparência - são informações presentes na obra de um memorialista. O cotidiano popular - o qual é descrito de maneira bem vívida nas lembranças do autor - é outra informação que não está presente em documentações oficiais.

Além disso, nossa fonte apresenta informações sobre um bairro periférico da cidade de Manaus, não muito referenciado na documentação oficial da época. Em consequência, estudos que objetivem reconstruir historicamente esse bairro, ou até outros bairros periféricos da capital amazonense desse período, teriam como uma de suas fontes, as obras de memória - que chegaram inclusive a ser cruzadas nessa dissertação, no capítulo que objetivou reconstruir o São Raimundo dos anos 1930, devido à ausência de documentação oficial para se realizar a reconstrução.

Ao fim, deve-se ressaltar a imagem montada, estabelecida e imposta presente na obra analisada. O ambiente que foi descrito em “os Bucheiros: um Memorial de Infância” é algo idealizado pela “nostalgia” de Áureo Nonato, uma vez que em seu tempo de menino, conforme as indicações presentes na “memória”, o autor vivia insatisfeito com o cotidiano que possuía no bairro.

O descontentamento com a vida e com a profissão – e, conseqüentemente, com a identidade – que lhe estava sendo imposta, foi o gatilho para que Áureo agarrasse a primeira oportunidade que tivesse para sair daquele lugar. Todavia, sua saída aos 17 anos, e as dificuldades pelas quais passou para se estabelecer, se adaptar e construir uma nova vida na região sudeste do Brasil, fez com que se mantivessem vívidas as lembranças dos

espaços, dos personagens e do cotidiano que possuía no São Raimundo em seu tempo de menino.

Era quando eu me transportava
para um mundo encantado...
... cheio de surpresas e mistérios!
Esse mundo me fascinava!
E era então que eu me perguntava:
- ... será que eu vou morrer sem nunca ter saído daqui?²³⁷

²³⁷ NONATO, (1986) op. cit., p. 55

FONTES E BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Amaro Vieira de. *São Raimundo dos Meus Amores*. Manaus: Sociedade de Televisão Ajuricaba, 1985.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *A Ideologia da Decadência: leitura Antropológica a uma História da Agricultura do Maranhão*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Infância”. In. _____. *Alguma Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Intimação”. In. _____. *Boitempo: Menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. P.20

ARAÚJO, André Vidal de. *Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação*. Manaus: Fundação Cultural do Amazonas, 1974.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. PP 183 - 191

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

COSTA, Hideraldo L. da. *Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: discurso dos Viajantes - Século XIX*. Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2013.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

DAOU, Ana M. Lima. *A Cidade, o Teatro e o “paiz das seringueiras”:* práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX. Tese de Doutorado em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

_____. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto: Manaus - 1890-1920*. Manaus: Valer, 2007.

DOMINGUES, Mário. *Impressões de Viagem ao Norte do Brasil*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.

“Dorval Pôrto”. In. BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias:*

vultos do passado. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. PP 192-194

ENGRÁCIO, Arthur. *Poetas e prosadores contemporâneos do Amazonas (súmula bibliográfica)*. Manaus: UA, 1994.

FREITAS, Edezio (Org.). *Guia Turístico e Comercial da Cidade de Manaus e seus Arredores*. Manaus – Amazonas, 1932.

GUSDORF, Georges. “Condiciones y limites de la autobiografia”. In. ANTHROPOS, Madri, Dez. de 1991, p.13

IZQUIERDO, Iván Antonio. “Memória: tipos e mecanismos – achados recentes”. In. *Revista USP*. São Paulo, N° 98, 2013. PP 9 - 16

JOBIM, Anísio. *O Amazonas: sua história (ensaio antropogeográfico e político)*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1957.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MARTINS, Maria Socorro de Moraes. *Infância e Miguilim: os fios da memória e a câmara do olhar*. Dissertação (Mestrado Interinstitucional) – URCA/UFPB. João Pessoa, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. In. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n.34, 1992. PP 9-23

MESQUITA, Otoni. *Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

MORAES, Raymundo. *Paiz das Pedras Verdes*. RJ: Civilização Brasileira, 1931.

NAVA, Pedro. “Beira-mar”. In. _____. *Memórias IV*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

NONATO, Áureo. *Os bucheiros: um memorial de infância*. 2. ed., Manaus: SECOM, 1986.

_____. *Porto das Catraias: um Memorial da Adolescência*. Manaus: SECOM, 1987

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, dez. 1993. PP 7-28

OLIVEIRA, José Aldemir. *Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

PEREIRA, Jayme R. *Amazonia (impressões de viagem)*. RJ: Civilização Brasileira, 1940.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. *Manaus: Mudar com ou contra o passado? XXVI Simpósio Nacional de História (Simpósio)*. 2011. 14f.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. PP 3 - 15

_____. "Memória e Identidade Social". In. "Estudos Históricos", Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. P 200 - 215.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

ROCQUE, Carlos. "Arthur Engrácio". In: Grande enciclopédia da Amazônia. Belém Editor: AMEL Ano: 1967-1968. p. 637

_____. "Jornal do Commercio". In: Grande enciclopédia da Amazônia. Belém Editor: AMEL Ano: 1967-1968. p. 956

_____. "Osvaldo Orico". In: Grande enciclopédia da Amazônia. Belém Editor: AMEL Ano: 1967-1968. p. 1233

SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. Manaus: EDUA, 1997.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SILVA, Andreza Bianca Caxias da. *Selvagens, nus, ferozes e canibais: os tupinambás nas representações de Hans Staden*. 2012. 94f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da Identidade e da Diferença*. In. _____(org.). "Identidade e diferença". Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000. PP 73-102.

SOUZA, Ellza. *Do Alto da Minha Colina: sem os bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento*. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

TAVARES, Octavio. *Do Amazonas à Guanabara (aspectos do Brasil)*. RJ: s.n., 1936

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vida de Santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ÁLBUNS

ÁLBUM MUNICIPAL DE MANÁOS, Elaborado na administração do Prefeito Araújo Lima, sendo Presidente do Estado o Excelentíssimo Sr. Dr. Ephigenio de Salles. Manaus- Amazonas – Brasil, 1929.

MANAUS, *Álbum organizado na administração do Prefeito Antonio Botelho Maia*. Manaus- Amazonas – Brasil, 1938.

DOCUMENTOS

Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Amazonas pelo Presidente Dorval Pires Porto, ao instalar-se a 2ª sessão ordinária da 14ª Legislatura. Manaus: Imprensa Pública, 1930.

PÁGINAS ELETRÔNICAS

<http://www.academia.org.br/academicos/osvaldo-orico/biografia>

<http://www.academia.org.br/academia/premios>

<http://www.academia.org.br/academia/quem-somos>

<http://www.academia.org.br/academia/estatuto>

http://www.editoravaler.com.br/index.php?route=information/information&information_id=4

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/alvaro-botelho-maia>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/orico-osvaldo>

<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2015/10/apos-25-anos-livraria-valer-vai-fechar-portas-em-novembro-em-manaus.html>

<http://manausontemhojesempre.blogspot.com.br/2014/09/aureo-nonato.html>